

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KAUANA LUBK GARCIA

ASPECTOS ETNOGRÁFICOS DA
COMUNIDADE TRADICIONAL DE PESCADORES DA BARRA DO SAÍ
GUARATUBA-PR

GUARATUBA

2018

KAUANA LUBK GARCIA

ASPECTOS ETNOGRÁFICOS DA
COMUNIDADE TRADICIONAL DE PESCADORES DA BARRA DO SAÍ
GUARATUBA-PR

Trabalho apresentado ao curso de Bacharel em
Gestão Ambiental do Setor Litoral da Universidade
Federal do Paraná, como requisito parcial à
obtenção de conclusão do curso.

Orientador: Prof. Antônio Luis Serbena

GUARATUBA

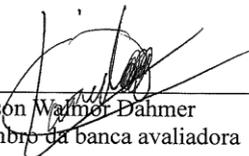
2018

ATA DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

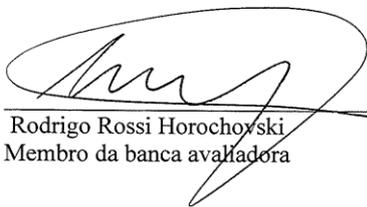
Aos quatorze dias do mês de dezembro de dois mil e dezoito, as nove horas, no Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca avaliadora do trabalho de conclusão de curso, constituída pelos professores Gilson Walmor Dahmer e Rodrigo Rossi Horochovski sob a presidência do Orientador professor Antonio Luis Serbena, do Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental, da aluna **Kauana Lubk Garcia** sob o título: "Aspectos etnográficos da comunidade tradicional de pescadores da Barra do Sai em Guaratuba PR", obteve o conceito APL. A aluna devera efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final em formato digital, até o dia dezoito de dezembro de dois mil e dezoito, na assessoria da Câmara do curso de Gestão Ambiental.



Antonio Luis Serbena
Professor Orientador



Gilson Walmor Dahmer
Membro da banca avaliadora



Rodrigo Rossi Horochovski
Membro da banca avaliadora

Dedico a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para meu aprendizado, direta ou indiretamente. Dedico esse trabalho em memória do senhor Olímpio Leonete, pescador que participou das entrevistas e que infelizmente faleceu no dia 16 de novembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus, pois me colocou em uma família que não mediu esforços para me dar uma boa educação apesar de não possuir recursos para isso. Agradeço a toda a minha família que não me deixou desistir nos momentos difíceis dessa trajetória, em especial a minha mãe, minha sogra e meu namorado pelos inúmeros conselhos dados em várias etapas da graduação.

Quero agradecer ao meu amigo Gildo Manoel que fez indicações para que eu realizasse o estudo na comunidade em que ele cresceu e ao seu pai Gildo Cardoso que foi o primeiro entrevistado, que me animou para realizar mais entrevistas.

Agradeço às amigas Amanda Rocha, Manoela Amaral e Luana Barbosa que fiz em sala de aula que não mediram esforços para me incentivar e me apoiar dentro e fora de sala.

Agradeço imensamente a alguns professores que pude me inspirar enquanto estiveram presentes em sala de aula, como Ana Elisa de Castro Freitas, Eduardo Harder, Marcelo Varella, Antônio Serbena e Gilson Dahmer, que conseguiram fazer muito além daquilo que eu esperava.

Agradeço ao senhor Noazir Ferraro pela oportunidade que me deu de mostrar meu trabalho em relação à comunidade.

Agradeço a minha cunhada Gabriele que esteve comigo nas idas a comunidade para me ajudar com o que fosse preciso.

Agradeço a todos os pescadores que aceitaram participar do meu estudo, pois me fizeram conhecer e admirar mais ainda a cultura dos pescadores de Guaratuba.

Um dos maiores agradecimentos tenho em relação ao meu mediador, Antônio Serbena que conseguiu me fazer entender o tema em que eu realmente teria afinidade e prazer em trabalhar, conseguiu me mediar após várias tentativas frustradas de ter um mediador, no fundo fez a total diferença na trajetória acadêmica, desde o primeiro até o último semestre.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas envolvidas em todo o processo, não poderia de deixar de agradecer a minha professora do ensino médio de geografia, professora Simone que foi quem deu a primeira ideia para a escolha desse curso.

Enfim, obrigada a todos que de alguma forma conseguiram me apoiar ou incentivar quando precisei e também aqueles que me deram oportunidades para chegar até aqui.

RESUMO

O presente trabalho refere-se a conceitualização do modo de vida caiçara praticado na comunidade tradicional de pescadores da Barra do Saí no município de Guaratuba-PR. Presenciando todas as dificuldades enfrentadas por diversas comunidades para serem aceitas como tradicionais ou não tradicionais, ressaltou-se a importância de um estudo que mostrasse todos os métodos e costumes que a comunidade utiliza em seu dia-dia em relação a pesca. Visto que comunidade tradicional hoje em dia vem sofrendo cada vez mais com explorações de seus recursos, desapropriação e perda de cultura, fica claro que em pouco tempo a própria identidade caiçara irá ser questionada por aqueles que sequer estudaram sobre o termo. As comunidades de pescadores existentes no município já estão com métodos e petrechos bem avançados se comparados aos ditos tradicionais, o que acaba desconstruindo toda uma cultura. Há ainda outros fatores que pesam na decisão de continuar ou não o modo de pesca tradicional por parte dos pescadores, o crescimento da pesca semi industrial que diminuiu significativamente o número de pescados e acaba prejudicando o pequeno pescador, a dificuldade que enfrentam em conseguir licenças obrigatórias bem como as carteirinhas, no caso da comunidade da Barra há ainda a falta de uma associação para lutar por todos os direitos dos pescadores. Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas a comunidade não chegou nem perto de perder sua identidade caiçara. Visto isso a relevância de mostrar a todos a riqueza da cultura caiçara da comunidade da Barra do Saí tornou-se lógica através de algumas visitas a campo.

Palavras-chave: Comunidade tradicional. Barra do Saí. Conflitos.

ABSTRACT

El presente trabajo se refiere a la conceptualización del modo de vida caiçara practicado en la comunidad tradicional de pescadores de Barra del Saí en el municipio de Guaratuba-PR. Presenciando todas las dificultades enfrentadas por diversas comunidades para ser aceptadas como tradicionales o no tradicionales, se resaltó la importancia de un estudio que mostrara todos los métodos y costumbres que la comunidad utiliza en su día-día en relación a la pesca. Dado que las comunidades tradicionales hoy en día vienen sufriendo cada vez más con explotaciones de sus recursos, expropiación y pérdida de cultura, queda claro que en poco tiempo la propia identidad caiçara será cuestionada por aquellos que ni siquiera estudiaron sobre el término. Las comunidades de pescadores existentes en el municipio ya están con métodos y petrechos bien avanzados si comparados a los dichos tradicionales, lo que acaba de deconstruyendo toda una cultura. Hay todavía otros factores que pesan en la decisión de continuar o no el modo de pesca tradicional por parte de los pescadores, el crecimiento de la pesca semi industrial que disminuyó significativamente el número de pescados y acaba perjudicando al pequeño pescador, la dificultad que enfrenta en conseguir licencias obligatorias así como las carteritas, en el caso de la comunidad de Barra hay todavía la falta de una asociación para luchar por todos los derechos de los pescadores. Incluso con todas las dificultades enfrentadas a la comunidad no llegó ni cerca de perder su identidad caiçara. Por eso la relevancia de mostrar a todos la riqueza de la cultura caiçara de la comunidad de la Barra del Saí se volvió lógica a través de algunas visitas a campo.

Palabras clave: Comunidad tradicional. Barra del Saí. Conflictos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA	12
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	12
2.1.1 O MUNICÍPIO DE GUARATUBA	12
2.1.2 A BARRA DO SAÍ	13
2.2 MÉTODO	14
3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
3.1. MANEJO E TÉCNICAS DE PRESERVAÇÃO	16
3.2 IMPORTÂNCIA PARA A ECONOMIA	19
3.3 CONHECIMENTO CAIÇARA SOBRE ÉPOCA DE CADA ESPÉCIE	<u>2223</u>
3.4 FABRICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE UTENSÍLIOS.....	27
3.5 PERCEPÇÕES ESPACIAIS	32
3.6 PERCEPÇÕES SOBRE VARIAÇÕES SAZONAIS.....	33
3.7 TERRITÓRIOS DE PESCA	<u>3435</u>
3.8 IMPACTOS DA PESCA ATUAL.....	36
3.9 CONFLITOS	<u>3940</u>
3.10 RELAÇÃO AFETIVA COM O MAR	<u>4243</u>
4. CONCLUSÃO	45
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXO I	50
LISTA DE FIGURAS	50
ANEXO II	59
TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PESCADORES ... 59	
ENTREVISTAS BARRA DO SAÍ:.....	59
RELATÓRIO DE VIVÊNCIAS 2018	74
MEMORIAL Das ICHs	75
2015	75
SEMESTRE 1	75
ICH AGROECOLOGIA NAS ESCOLAS-	75
SEMESTRE 2	76
ICH DIAGNÓSTICO GUARATUBA	76

2016	77
SEMESTRE 1	77
ICH DIAGNÓSTICO GUARATUBA.....	77
SEMESTRE 2	77
ICH AEDES.....	77
2017	77
SEMESTRE 1	77
ICH GUARAICH.....	77
SEMESTRE 2	78
ICH SOCIEDADE E TECNOLOGIA.....	78
2018	78
SEMESTRE 1	78
ICH DESIGUALDADES E CONFLITOS SOCIAIS	78
SEMESTRE 2	78
ICH GUARATUICH.....	78
MEMORIAL DO PA	80

1. INTRODUÇÃO

Tendo como origem o Litoral do Paraná e sendo filha de um pescador caiçara, depois de muitas tentativas frustradas de projetos, vi na cultura caiçara algo que eu gostaria de estudar por ter mais afinidade com o tema.

Na era do prático e rápido, pegar o barco e passar o dia buscando alimento parece algo muito distante para algumas pessoas, os veranistas por exemplo, em sua maioria o único contato que eles têm com os alimentos trazidos pelos pescadores são uns poucos minutos em algum mercado de peixe que encontram pela cidade, que fornecem o pescado já limpo e embalado. Muitas vezes presenciei meu pai ao vender seus pescados, ouvir de um turista que estava muito caro, ou que por aquele valor ele compraria uma carne no mercado. As pessoas não valorizam o produto por não entenderem ou não saberem de todo os processos realizados para que o pescado chegue até elas. No caso do meu pai, desde o sair de casa cedo para pescar certa espécie, passando por toda a limpeza, até que o filé de peixe seja embalado e vendido pronto para consumo. Conhecer mais sobre a cultura caiçara, ou sobre somente a cultura da pesca ajudaria bastante tanto na valorização do produto, quanto da pesca no geral.

A maioria das pessoas ao visitarem lugares no litoral do Paraná acabam usufruindo somente das praias e outros lugares mais atrativos, assim ocorre a desvalorização de muitas culturas, querendo ou não, mais visitas significam mais visibilidade para esses lugares. Porém esse é um ponto controverso do estudo, visto que alguns moradores veem o aumento da visibilidade como algo positivo e outros nem tanto, pois alegam que se está bom assim seria arriscado demais mudar. Por essas razões falar sobre uma cultura, traz à tona todos os detalhes e curiosidades sobre um povo e seu modo de viver, pensar e agir, nesse caso evidenciado em relatos de pescadores que tem muito a dizer sobre seu método caiçara de ser.

A etnoconservação é uma das especialidades da etnociência, que desenvolve trabalhos que abrangem desde elementos da linguística até aspectos culturais e biológicos, visando compreender a classificação e significação dos recursos

e fenômenos naturais. Entretanto, o fato de a etnoconservação estar densamente associada com as populações e conhecimentos tradicionais remete a necessidade de aprofundar-se nestes aspectos, a fim de entender os subsídios desta nova abordagem para a conservação dos recursos naturais. (PEREIRA E DIEGUES, P.37, 2010).

Estudos que envolvam populações humanas podem ser realizados em diversos ramos da ciência, como a etnociência e a ecologia humana, desde que sigam suas especificidades respeitando sempre a comunidade e levando em conta as relações biológicas e culturais, nesta última com mais destaque na área da etnociência, que realizaria trabalhos que nos fizessem entender os recursos e fenômenos naturais, com maior ênfase na preservação dos recursos naturais pela própria população.(BEGOSSI, 2004),(PEREIRA E DIEGUES, 2010). Já na ecologia humana dá-se mais ênfase entre as interações entre população e recursos, ou seja, atenção maior para relações ecológicas.

Estudos de ecologia humana são muito apropriados quando se trata de analisar as interações entre populações humanas e os recursos naturais. O contato direto com os recursos naturais, a observação diária desses recursos e a dependência econômica de recursos aquáticos e da vegetação são relações ecológicas em seu sentido estrito. (BEGOSSI, 2004, p.23).

Pela lei **comunidades tradicionais** são grupos culturalmente diferenciados, que se reconhecem como tais, possuem formas próprias de organização social e ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (DECRETO 6.040, 2007). Ou seja, quem as define como tradicionais ou não tradicionais são os membros da própria comunidade em questão.

Portanto a comunidade estudada pode ser considerada como tradicional porque atende ao estabelecido no artigo da constituição citado acima, visto que os seus membros se reconhecem como pescadores tradicionais por exercerem pesca com materiais simples, produzidos por eles; por utilizarem os pescados como forma de subsistência e para consumo próprio, por dependerem economicamente da pesca e de todos os serviços ligados a ela. Além disso há uma preocupação constante com as condições do meio ambiente que eles tanto dependem. Nesse caso a comunidade de pescadores da Barra do Saí é mais uma das comunidades tradicionais reconhecidas, bem como a comunidade de pescadores de Caieiras e a comunidade de pescadores do bairro Mirim no município de Guaratuba-PR, que assim como as outras comunidades também necessita de mais ênfase para ser valorizada.

Estudar como se dão essas relações ecológicas serve para demonstrar a importância de valorizarmos a cultura caiçara, pois a comunidade tradicional compreende que depende intimamente de todos os recursos, visto isso a maneira como eles exploram o meio ambiente impacta bem menos do que aqueles que exploram de fora da comunidade. As comunidades tradicionais além de trazerem toda uma valorização da cultura e passarem costumes e métodos por gerações, deveriam levar o mérito de serem quem mais contribui para a conservação e valorização do meio ambiente. Diegues (2010) deixa claro que as populações tradicionais começaram a ser vistas como importantes para proteger o meio ambiente em que estão, após movimentos ambientais que tinham uma ideia diferente de preservação, bem como a necessidade global de proteger a natureza.

Neste sentido, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (RIO 92) enfatizou a necessidade de se proteger essas populações, assim como os conhecimentos dos quais são detentoras. (PEREIRA E DIEGUES, 2010, P.38). Porém, BALICK E COX (1952) começaram a estudar o uso de plantas por populações indígenas, a partir daí começaram a procurar ligações entre conservar e o modo de manejo dos recursos naturais por populações tradicionais.

Existe uma relação de respeito, gratidão, medo e cumplicidade com a natureza, o que se apresenta como causa direta da preservação ambiental das localidades nas quais as populações tradicionais habitam. (PEREIRA E DIEGUES, 2010, p.40).

Para DIEGUES, a forma de manejo dessas populações é diferente, pois não possui como objetivo o lucro, mas sim pende para uma preocupação mais social e de cultura, junto com um olhar sobre a natureza e suas mudanças.

Faz-se necessário que os conhecimentos tradicionais sejam interpretados a partir do contexto no qual foram produzidos, para que não sejam padronizados e fragmentados como aqueles originados pela ciência moderna (ELLEN, 1997, s/p.; TOLEDO, 2000, p. 2. Apud PEREIRA E DIEGUES 2010, P. 42).

O objetivo maior do presente trabalho é compreender como se dão as relações entre meio ambiente e ser humano na comunidade da Barra do Saí, no município de Guaratuba, a fim de ressaltar as riquezas da cultura caiçara e da comunidade tradicional como um todo. Levando em conta todos os métodos citados pelos autores que serviram de base para esse estudo.

2. METODOLOGIA

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1.1 O MUNICÍPIO DE GUARATUBA

Município do Litoral do Paraná, que faz divisa com o Estado de Santa Catarina, Guaratuba foi fundada no dia 29 de abril de 1771, porém isso se deu após seu processo de povoamento que se iniciou em 26 de janeiro de 1765, quando vilas e povoados foram sendo fundadas ao longo da costa brasileira, a mando do rei de Portugal.

O povoado de Vila de São Miguel de Guaratuba teve como seu primeiro ato a celebração de uma missa; e no ano de 1838 Guaratuba era extinta como município e agora fazia parte do município de Paranaguá, já em 1947 foi restaurado o município novamente.

Guaratuba tem uma área total estimada em 1.316,509km² e população estimada de 36.595 habitantes (IBGE, 2018), número de pessoas que se multiplica com a chegada da alta temporada, que traz consigo todos os efeitos da sazonalidade que as cidades praianas estão acostumadas.

Com PIB equivalente a 21129,77 per capita e IDH de 0,717 que é considerado alto para o PNUD.

Dessa população total, 1586 pessoas estão dentro de atividades como a agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (IPARDES), sendo que o número isolado de cada atividade não é fornecido. O município recebe ainda o ICMS ecológico, destinado para a preservação de UCs.

O fato de Guaratuba ser mais uma cidade do litoral que não tem muitos investimentos em atrativos fora da temporada, faz com que seus problemas se tornem parecidos com os de outros municípios, porém tem suas especificidades. Em outros

municípios por exemplo na minha percepção há a valorização da cultura, fato que não ocorre com muita frequência na cidade.

A cidade de Guaratuba possui grande movimentação turística na temporada de verão, de dezembro a fevereiro, por conta do calor e das praias atrai turistas de diversos lugares, tanto do Brasil quanto de fora do país.

2.1.2 A BARRA DO SAÍ

A comunidade da Barra do Saí é considerada uma das mais extensas praias da cidade, possui em seu território o Rio Saí-Guaçu que adentra pelos manguezais até o mar e é protegido por uma pequena ilha situada a poucos metros da praia. O rio é a divisa entre Paraná e Santa Catarina e sua foz forma uma bacia propícia para banho (CONCEIÇÃO, 2015). Com a maré baixa a ilha da Barra fica acessível a pé.

A Barra do Saí teve o início de sua povoação datado de 1656. Gabriel de Lara que era capitão de Paranaguá foi o povoador da vila desde 1640. No ano de 1656, em nome do Conde da Ilha do Príncipe, Simão Dias de Moura instalou uma povoação na embocadura do Rio Saí.

A comunidade da Barra do Saí tem sua renda obtida através de diversas atividades, dentre elas a pesca, escolhida como objeto de estudo desse trabalho. Alguns pescadores possuem barcos e alguns desses barcos ficam na frente de suas casas ou na boca da Barra. As casas segundo os moradores possuem saneamento básico e são bem estruturadas pelo que pude perceber durante as visitas.

2.2 MÉTODO

A metodologia usada constituiu-se de entrevistas semiestruturadas com alguns moradores da comunidade que têm como profissão a pesca artesanal e que tem a maior parte da sua renda obtida através dela. Foram realizadas ainda, revisões bibliográficas para que a etnografia em si fosse possível.

A escolha da entrevista semiestruturada baseia-se no sentido de privilegiar a percepção do ambiente a partir dos entrevistados e da comunidade de pescadores conforme ressaltado no trabalho de Fraser e Gondim (2004) apontando o olhar dinâmico e interativo entre a entrevista e o entrevistador:

“A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo. Em outras palavras, a forma específica de conversação que se estabelece em uma entrevista para fins de pesquisa favorece o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante. Deste modo, a entrevista dá voz ao interlocutor para que ele fale do que está acessível a sua mente no momento da interação com o entrevistador e em um processo de influência mútua produz um discurso compartilhado pelos dois atores: pesquisador e participante. “

A aproximação com a comunidade foi feita aos poucos, através de visitas para tentar uma aproximação que não incomodasse os pescadores. Através de indicações foi possível iniciar as conversas, pois a confiabilidade deles após citar o nome de um pescador que indicou ou que participou da entrevista aumentou relativamente.

Os tópicos das entrevistas foram: desde quando eles pescavam, qual tipo de pesca exerciam, quais os utensílios usados por eles, quais as técnicas mais usadas para cada espécie, quais eram os peixes mais pescados, quais os preferidos tanto para consumo deles quanto dos turistas, época em que cada pescado ocorre com mais frequência, relação entre as espécies, valores econômicos e valor de uso, conflitos, territórios da pesca, relação com o mar e suas histórias de pesca. Elas priorizaram cinco assuntos baseado no contexto, que foram com relação as histórias,

com o território, priorizaram também as comparações entre o que presenciavam no início da profissão com o que presenciam hoje em dia, além dos pescados por época e de sua relação com o mar.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados oito pescadores da colônia entre os dias 20 de setembro e 15 de outubro. As entrevistas variaram de 10 min a 1 hora de acordo com a disposição do entrevistado. Algumas entrevistas não foram contempladas em todos os tópicos devido ao fato de que cada pescador tinha a escolha de responder ou não sobre aquela pergunta e se decidisse responder a sua resposta era aberta, fato que fez com que as entrevistas variassem tanto em tempo quanto em conteúdo, que variou de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado.

Os dados foram apresentados de acordo como os tópicos abordados na entrevista.

3.1. MANEJO E TÉCNICAS DE PRESERVAÇÃO

“Aqui há vinte anos atrás tinha dez embarcações e hoje tem umas trinta, antes era motor fraquinho, hoje só motor forte.” (Pescador 1). “

“Isso aconteceu por causa dos barulhos dos barcos. Pescar eu pescava todo dia, agora só os meus filhos, só vive como pescador. (Pescador 2).

“Anos atrás tinha muita lagosta na nossa costa, nós pescávamos com 500 metros de rede e voltava com 400 e 500 Kg de peixe e hoje nós pesca com 3600 metros de rede e não trouxemos 50 kg de peixe. Antigamente você pescava com 500 metros e trazia uma canoa dessa cheia, saia de madrugada e voltava carregado, hoje não tem mais isso. O que sumiu mesmo da

nossa Costa foi o cação, Garoupa, badejo e lagosta isso aí diminuiu, acabou. (Pescador 3).

Antigamente em relação agora tinha muito mais peixe por causa que antigamente não tinha esses barcos Industriais que volta e meia estão aqui perto e o barco que a gente pesca não faz diferença em nada perto do deles, a gente pega por exemplo 80 kg por dia e eles pegam umas 140 toneladas em uma ou duas horas, não chega acabar mas diminuiu bastante. Na época que eu comecei a pescar muito lagosta e cação que hoje em dia volta e meia às vezes engata uma na rede, mas como a gente não faz muito consumo a gente solta. (Pescador 4).

“...diminuíram por conta de ter muito barco né, os barcos grandes que acabam com tudo. (Pescador 5).

As técnicas que a comunidade usa para pescar são minimamente prejudiciais ao meio ambiente, visto que a comunidade sabe valorizar de onde vem seu sustento e usa de apetrechos pequenos e com pouco impacto em cima do que estão usufruindo pois dentro da comunidade há uma relação de cumplicidade, respeito e dependência com a natureza que eles tanto dependem.

No entanto estratégias de se efetuar o manejo impostas por instituições governamentais nacionais, desconsiderando as comunidades de pescadores artesanais que possuem maior dependência e o conhecimento sobre os recursos pesqueiros locais, muitas vezes se mostram inapropriadas (SCHREIBER, 2001, Apud SILVANO, 2004).

É importante ressaltar que a existência do manejo sustentável dos recursos naturais, proporcionada por meio dos conhecimentos tradicionais destas populações, não está vinculada a uma visão romântica da realidade (TOLEDO, 2001, p. 461). A idealização de que a relação das populações tradicionais com a natureza é harmoniosa e equitativa está vinculada ao mito do “bom selvagem” (DIEGUES, 2008, p. 99; HOROWITZ, 1998, p. 372), também denominado por Almeida e Cunha (1999, p. 1) como “mito do ecologicamente bom selvagem”. (PEREIRA E DIEGUES, 2010, p. 46).

Contudo, apesar da relação entre população tradicional e natureza não se radicar nesta visão romântica do Bom selvagem”, ela também não pode ser colocada no outro extremo, como um agente determinante na destruição de áreas naturais, pois a contextualização entre população tradicional e natureza remete à necessidade de uma reflexão acerca da coexistência de ambas e os efeitos gerados, o que recentemente tem se transformado em objeto de estudos de várias pesquisas.(PEREIRA E DIEGUES, 2010, p.46).

Antigamente, praticamente não tinha motores, era tudo a remo mesmo, com canoa de madeira que hoje é proibido né.
”(Pescador 6).”

Levando em conta esse fato, estudos de caráter etnográficos como esse são de extrema importância, visto que as comunidades caiçaras são tão pouco conhecidas e desvalorizadas. Há ainda o fato de que os pescadores possuem técnicas de manejo totalmente eficientes, que foram passadas de outras gerações, ou seja, conservando esses métodos estamos conservando toda uma cultura e identidade local. Sem contar que planejar sobre uma comunidade e não incluir os moradores no planejamento não seria o método mais acertado por assim dizer, visto que eles sabem o que funciona ou não de acordo com aquela realidade podem dar grande apoio a todo o planejamento em si.

Pode-se ter práticas culturais conservacionistas sem uma ideologia conservacionista. Neste caso, temos populações que, sem ter uma ideologia explicitamente conservacionista e que, não obstante, seguem regras culturais para o uso dos seus recursos naturais de maneira sustentável (ALMEIDA; CUNHA, 1999, p. 1, apud PEREIRA E DIEGUES, 2010, p.46).

A comunidade tem consciência de que também será responsável pela escassez de recursos pesqueiros se não continuarem a realizar o manejo consciente, porém sabem também que os maiores responsáveis por essa escassez são aqueles que não dependem somente dos recursos que exploram, os que mais impactam segundo eles são grandes embarcações, que geralmente entregam para grandes centros de vendas, ao contrário deles que realizam pequenas entregas somente para o centro de Guaratuba.

Para TOLEDO (2001, p.455) as populações tradicionais possuem uma relação simbiótica com o meio em que estão inseridas, visto que procuram adaptar o meio ao mesmo tempo em que se adaptam a ele.

PEREIRA E DIEGUES (2010, p.48) citam a importância das comunidades no seguinte trecho:

É importante ressaltar as populações tradicionais como importantes agentes para a proteção de áreas naturais e a necessidade que existe em protegê-los, visto que apresentam um dos modos de vida humana capaz de coexistir dentro de certo equilíbrio com a natureza.

3.2 IMPORTÂNCIA PARA A ECONOMIA

“A procura dos peixes depende da época né, por exemplo agora é época da tainha, aí de agosto em diante é época da corvina e linguado que daí é mais procurado o linguado né, é safar né, conforme a safra a gente pesca né. Aí mais para o final do ano é a Salteira, robalo e pescada branca. Pro comércio o mais procurado é tainha e linguado né.” (Pescador 1).

“O robalo na temporada é a mais forte para vender, o peixe aqui na temporada não dá muito para nós aí fica difícil, aí a gente pesca, mas é bem pouquinho, aí o mais forte é o camarão na temporada sempre dá sete barbas e vende bem. O que faz aumentar o peixe e o camarão é não trabalhar nele no tempo de desova, que daí o número vem triplicado dentro de dois anos você já vê diferença quando fecha. Para venda o mais caro do Peixe hoje aqui é a pescada o robalo e o linguado o resto é tudo precinho supérfluo.” (Pescador 3).

“Antigamente a gente pegava e vendia tudo fosse o preço que fosse, a gente vendia tanto para o atravessador quanto para o turista.” (Pescador 7).

“Os turistas na temporada ajudam um pouco, mas aqui é um lugar pequeno e tem bastante turista, mas que só que vem para visitar por ser um bairro muito pequeno. No meu caso eu trabalho eu mando para indústria manda para o atravessador, por isso não afeta muito meu lucro.” (Pescador 4).

“A gente aqui vende para o atravessador, em casa e direto para o turista.” (Pescador 5)

“Quando eu não estou pescando estou fazendo trocado, fazendo cambal, tarrafa.” (Pescador 8).

“Hoje em dia lá na ilha ainda tem pescador que não quer fazer outra coisa, só a pesca.” (Pescador 6).

A pesca é uma das grandes atividades econômicas nos litorais no geral, bem como o turismo por exemplo. Para TOLEDO (2001, p.2) além disso a pesca é a atividade principal e fonte de alimento para milhões de moradores do litoral brasileiro e das ilhas assim como daqueles que moram à beira dos rios.

A atividade pesqueira artesanal nacional enfrenta diversos problemas, que afetam os pescadores e os estoques pesqueiros. Há conflitos no ambiente marinho, onde os pescadores de arrasto reduzem o estoque pesqueiro e destroem equipamentos de pesca (como redes de espera) dos pescadores artesanais (BEGOSSI, 1992 apud SILVANO, 2004).

No caso da Barra do Saí esse problema já não é o que ocorre, pelo menos não entre os pescadores da comunidade, pois a maioria deles trabalha nos dois tipos de pesca e há uma relação de respeito entre os moradores. O conflito mais relatado é com as embarcações de grande porte, que não são dos pescadores da comunidade, mas sim de pescadores de outras localidades que pescam no mesmo território. Segundo alguns relatos há uma diminuição do número de pescados, já que as grandes

embarcações acabam retirando os peixes em grande escala e impactando na pesca artesanal.

“A Organização Internacional do Trabalho/OIT estima um contingente de 25 a 34 milhões de homens e mulheres, envolvidos na pesca no âmbito global, sendo aproximadamente 75% artesãos (ARNASON, 1998). Segundo dados do Registro Geral da Pesca (RGP) do Ministério da Pesca e Aquicultura, até 09/2011 estavam registrados 957 mil pescadores artesanais, distribuídos nas 26 Unidades da Federação e no Distrito Federal.” (GONZAGA E BATISTA, p.2)

Esses dados citados por Gonzaga e Batista nos mostram o quanto de relevância a pesca tem para a economia, temos quase um milhão de pescadores em todo o país, um número bem significativo para uma atividade econômica tão desvalorizada. A pesca tem de ser tratada com maior foco por todos que a estudam e que tem o dever de repassar isso a população não envolvida nesse contexto, para que todos entendam a relevância que ela tem para a economia.

Atualmente os pescadores são pouco cotados em qualquer reunião ou plano para definir algo para a comunidade em que estão inseridos, mesmo com estudo que comprovem sua alta participação na economia pesqueira se comparados a pesca em grande escala (semi-industrial). Estima-se que os pescadores artesanais fornecem cerca de 40% a 60% do pescado marinho (DIEGUES,1999 apud, SILVANO, 2004).

Segundo vários autores como GONZAGA E BATISTA, a utilização de conhecimentos tradicionais de comunidades extrativistas, associados a dados coletados através de metodologia científica podem auxiliar na elaboração de planos de manejo e delineamento de programas de apoio à pesca artesanal.

Um dos problemas apontados pelos pescadores é a falta de poder econômico que o pescador simples possui se comparado com os donos de comércios e até atravessadores de pescado, pois eles aos olhos da comunidade em geral são apenas quem fornece o pescado, ou seja, para alguns moradores da comunidade da Barra do

Saí e até mesmo do município no geral os pescadores não têm grande relevância para a economia da cidade. O mesmo acontece na comunidade de Carne de Vaca em Goiânia, segundo RAMALHO E MELO com isso, o poder econômico não ficava nas mãos dos pescadores, que ocupavam na organização econômica papel secundário nos ganhos, embora fossem os sujeitos mais importantes da produção pesqueira. (RAMALHO E MELO, 2015, p.13). Visto isso é nítido a importância da participação das comunidades na formação de conceitos sobre sua cultura, para que sejam valorizadas em diversos meios.

No Nordeste alguns pescadores conseguiram parar de trabalhar para empreseiros, de utilizar gêneros alimentícios fornecidos pelos comércios deles e de depender economicamente destes através de empréstimos facilitados através do Pronaf (RAMALHO E MELO, 2015, p.16), programa citado pelo pescador Gildo Cardoso como importante forma de ajuda para os moradores da comunidade da Barra do Saí.

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. O programa possui as mais baixas taxas de juros dos financiamentos rurais, além das menores taxas de inadimplência entre os sistemas de crédito do País. O acesso ao Pronaf inicia-se na discussão da família sobre a necessidade do crédito, seja ele para o custeio da safra ou atividade agroindustrial, seja para o investimento em máquinas, equipamentos ou infraestrutura de produção e serviços agropecuários ou não agropecuários. Após a decisão do que financiar, a família deve procurar o sindicato rural ou a empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), como a EMATER, para obtenção da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), que será emitida segundo a renda anual e as atividades exploradas, direcionando o agricultor para as linhas específicas de crédito a que tem direito. (SEAD).

3.3 CONHECIMENTO CAIÇARA SOBRE ÉPOCA DE CADA ESPÉCIE

A procura dos peixes depende da época né, por exemplo agora é época da tainha, aí de agosto em diante é época da corvina e linguado que daí é mais procurado o linguado né, é safar né, conforme a safra a gente pesca né. Aí mais para o final do ano é a Salteira, robalo e pescada branca. (Pescador 1).

O peixe mais pescado é a tainha, linguado e mais para o final do ano é a Salteira. Para consumir a tainha né. A época da tainha é agora no inverno e no verão já é a Salteira daí, depois é mais misturado. Da relação das espécies assim, o camarão tem época né, dezembro e janeiro da mais sete barbas e no inverno é mais camarão branco. (Pescador 2).

O robalo na temporada é a mais forte para vender, o peixe aqui na temporada não dá muito para nós aí fica difícil, aí a gente pesca, mas é bem pouquinho, aí o mais forte é o camarão na temporada sempre dá sete barbas e vende bem. (Pescador 3).

O peixe mais pescado para gente aqui é de época tipo, agora é da tainha e depois é do pescado, depois de robalo. Normalmente a cada três meses vai mudando ciclo de espécies. A época que a gente mais pesca é na época da tainha e no consumo é a Pescada, depende do que você pesca o bom para consumo é a pescada mesmo. Em junho e julho é a Tainha, mas daí tem a cavala também que dá praticamente o ano todo. Em agosto, setembro a pescada Bembeca e pescada branca, daí novembro e dezembro é a Salteira que continua em janeiro. São várias espécies no mesmo tempo, o camarão normalmente à época que ele dá mais é depois do defeso porque fica três meses parado e depois vem mais. (Pescador 4).

Os peixes mais pescados varia muito, se o tempo está quente da mais pescada e agora mais para o inverno da mais mistura, diversos peixes, no verão dá bastante Salteira, porque a gente trabalha com a malha sete que cai pescada, betara. E no inverno a betara e corvina são muito bons para fazer frito. A tainha a gente pega agora em junho né, começa a armar a rede de maio para junho e pesca agora até julho para meados de agosto. (Pescador 5).

Olha a época do peixe, dezembro a março a gente costuma pescar esses peixes, a pescadinha, Salteira, cavala. A partir de abril começa a aparecer as Tanhotas, daí a gente já começa a pensar na tainha, aí até junho se pesca a tainha. Daí a partir de julho volta a pesca da cavala. Em novembro que dá muita corvina, outubro tem o bagre. A gente procura pescar muito o linguado, que tem um valor bem alto, a tainha também, mas tem em maior quantidade. O camarão às vezes a gente pesca o ano todo, em 2016 ninguém pescou nada de camarão, ficou dois anos bem dizer sem camarão. O normal da nossa pescaria de arrastão é 20 kg, das quatro ao meio dia. Nessa época aí que falei para você a gente pegava dois quilos. (Pescador 6).

Durante todo o processo das entrevistas e saídas de campo, notou-se o quanto cada pescador conhece profundamente sobre a época em que cada espécie de pescado está disponível em maior quantidade, fazendo assim com que eles façam uma espécie de rodízio, que não deixa com que sejam arrastadas redes durante certos períodos cruciais para a reprodução dos pescados, mantendo assim um equilíbrio e dando um tempo para que haja a reposição do que foi tirado da natureza.

Os pescadores artesanais geralmente possuem conhecimento detalhado acerca da ecologia, comportamento e

classificação dos peixes, e tal conhecimento influencia e é influenciado pelas estratégias de pesca, como ocorre na captura de cardumes e na exploração de aglomerações reprodutivas de peixes (JOHANNES 1981, apud Silvano, 2004).

Vários dos pescadores entrevistados deram basicamente as mesmas informações sobre a época que pescam cada peixe, deixam claro que as espécies que eles pescam diferenciam-se de outros lugares, outras costas capturam outras espécies na mesma época. Ter essa consciência de preservação sem ao menos ter estudado formalmente alguma vez sobre o tema é o que torna o conhecimento caiçara importantíssimo para todas as populações, porém o que vemos é uma total falta de valorização dessa cultura, tanto da parte dos moradores da cidade, quanto dos próprios pescadores. Um exemplo disso é que quando pedimos para entrevistá-los sobre a cultura caiçara, eles nos dizem que não estudaram nada e que aprenderam tudo com seus familiares, portanto há uma desvalorização da cultura dos próprios pescadores, fato que fica claro nas falas dos próprios pescadores, quando acham que o conhecimento empírico que possuem não tem valor.

Os conhecimentos que os pescadores possuem sobre a época em que cada espécie tem maior incidência em determinados locais poderia ser usado em planos que ajudassem a preservar os recursos pesqueiros no geral. Confirmando essa linha de raciocínio GONZAGA E BATISTA citam que a utilização de conhecimentos tradicionais de comunidades extrativistas, associados a dados coletados através de metodologia científica podem auxiliar na elaboração de planos de manejo e delineamento de programas de apoio à pesca artesanal.

Assim como em Pernambuco os pescadores têm de conhecer e compreender sobre os recursos que eles dependem, para assim poderem valorizá-lo e torná-lo valorizado culturalmente, dando mais valor a esses recursos.

A tecnologia vigente, na atividade pesqueira em toda parte do estado de Pernambuco, acaba exigindo dos trabalhadores da pesca uma enorme capacidade de

compreensão dos recursos naturais aquáticos, enquanto parte do seu patrimônio cultural (RAMALHO, 2006, p. 53).

Uma das formas de conscientizar os locais em que cada comunidade está inserida seria através da educação ambiental, que segundo GONZAGA E BATISTA ela viria como uma nova forma de encarar o comportamento e o papel do ser humano no planeta terra, assumindo um caráter mais realista embasado na busca de um equilíbrio entre o homem e o ambiente.

Ramalho e Melo observaram na comunidade de Carne de Vaca em Goiânia que:

A pesca artesanal recria-se na mesma medida em que consegue reestabelecer elos familiares em seu mundo do trabalho, em sua sociabilidade. Por exemplo, os ensinamentos transmitidos pelos mestres de pescaria são de pai para filho, neto ou sobrinho, ocorrendo, em algumas situações, pequenas mudanças nisso, quando o saber-fazer é repassado para afilhados, etc. (RAMALHO E MELO, 2015, p.8).

Segundo Ramalho e Melo (2015, p.8) “o saber-fazer pesqueiro e o conhecimento sobre as dinâmicas ecológicas são adquiridos quando se olha, escuta, faz e repete o que ensinam, dizem e executam os mais velhos, os mestres de pesca”.

Os conhecimentos que cada pescador possui sobre época e locais em que ocorrem maior incidência de cada espécie de pescado não podem ser achados em livros, o conhecimento é deles, passado por seus pais, avôs, tios e irmãos mais velhos, cada peculiaridade, cada nome específico que eles atribuem como a Pescada Bembeça, o Bagre Sari dentre tantos outros são nomes que vem através de definições de antigos, não foram cientificamente definidos, definição popular, conhecimento caíçara tudo parte do interior de cada pescador, coisas que soam diferente se lidas em um livro escrito por quem não os estuda a fundo, estudá-los cada dia mais seria uma saída para valorizar esse conhecimento tão rico.

3.4 FABRICAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE UTENSÍLIOS

Os nossos materiais, cada tipo de rede é um tipo de peixe, a malha onze e doze é para tainha, a malha dez para cavala, malha dezesseis e dezoito para linguado e corvina. Daí a de camarão é outro tipo de ferramenta né, de rede. Quando é rede para Cavala e Tainha a gente leva a rede, vê o cardume e cerca. Quando é para linguado a gente deixa armado de **fundeio** de um dia para no outro ir buscar, já o camarão a gente arrasta o camarão, arrasta ele amarrado nas pranchas nas pontas para o fundo e vai arrastando e vai com o barco puxando. As redes de peixe, de fundeio ficam armadas de um dia para o outro, para linguado, para Corvina e quando é na época da tainha a gente vê o cardume cerca e volta. (Pescador 1).

Os materiais: para camarão é malha dois, malha três e para rede de malha depende, a pescada miúda é malha sete, para peixe maior é malha dez e onze e treze. Nosso material é a rede e tarrafa que a gente mesmo faz, a rede a gente compra a **panagem** e faz o **entralho** aí monta ela. Essa rede é dois meses para montar ela (de peixe). De camarão a gente trabalha um pouco, a gente faz. É mais fácil porque a gente compra pronto, pelo preço que tem vale mais a pena comprar do que você fazer manutenção gastar o tempo fazendo. (Pescador 3).

O material sempre foi rede de náilon, malha 18 e malha cinco, que a 18 é para cação e a cinco é para a mistura. (Pescador 7).

Normalmente são duas redes no arrastão de camarão, mas quando a gente usa rede para peixe são várias às vezes 500 metros de rede. Depende de cada época e cada tipo de peixe, o camarão é a mesma rede aí é outra história o peixe,

você vai lá e deixa a rede e no outro dia vai buscar, já no camarão você vai e leva e traz a mesma rede. O camarão normalmente a pessoa deve trabalhar numa embarcação sozinho porque é pequena, já no peixe tem que ser no mínimo duas pessoas porque é trabalho braçal, no camarão você tem o guincho que puxa a rede e no peixe é braçal não tem como ser sozinho. No peixe a gente vai e fica com a rede no barco e solta e tu vem embora no outro dia, já no camarão você vai solta a rede e fica puxando com o barco e traz ela de novo, na de peixe é mais de uma pessoa. (Pescador 4)

A rede eu compro o pano e entralho né, a malha sete que é de mistura. (Pescador 5).

Os materiais, a pesca de rede tem que ter muita classe de malha de rede. A malha sete, a malha seis já pega mais “miudeira”, a malha 7 8 tem que ser a malha conforme os peixes. Pro parati tem que ser a malha sete, malha oito, já com a Tanhota tem que ser a malha nove, a tainha grande tem que ser a malha 11 e 12, para corvina já tem que ser a malha 10. E daí vai indo né, as técnicas daí tem a que eu gosto que é só pesca, tem que remendar, consertar a rede. Por que tem muito pescador que não sabe consertar a rede só sabe pescar, mas só sabe puxar a rede, não sabe remendar, não sabe dar os nós, então é isso aí. Depois tem que pescar mais consertar a rede, se não consertar a rede vai por água abaixo. (Pescador 8).

Material nosso é rede, diversos tipos de rede para cada época, por que é para cada tipo de peixe, a gente usa diversas malhas de rede, grossura de náilon. Cada local e cada tipo de peixe usa uma rede. O que nos usa na nossa costa aqui por exemplo em termos de malha de rede, sempre de náilon, a malha 10, a 6 não é permitido, então a gente usa malha sete em diante. Por exemplo a malha sete pega **Pescadinha**, aí vai para a malha dez que pega **Cavala** (conhecida como sororoca,

Salteira, pega robalo. Na malha 11 pega a tainha, aí tem a malha dezesseis, **Panguá**. Geralmente na pesca de pescadinha, Salteira a gente usa a rede de espera, solta e daí no outro dia vai recolher ela, tudo puxado artesanalmente, já na tainha a gente leva a rede no barco vê onde está o cardume e cerca. (Pescador 6).

Dentre todos os entrevistados houve uma unanimidade com relação à fabricação e venda dos utensílios utilizados no dia a dia de cada pescador. A rede de peixe utilizada por eles é fabricada nas próprias casas ou no rancho, onde os pescadores se encontram com mais frequência para realizarem ajustes nos materiais. Já a rede para arrasto de camarão eles disseram que é melhor comprar pronta, pois perde-se muito tempo na confecção, porém ela não vem finalizada.

Outros utensílios também são confeccionados por eles, como o Cambal, o Espinhel, as redes de camarão e de peixe e os Puçás. Alguns dos pescadores vendem alguns desses petrechos, outros só usam. O senhor Lourival da Graça por exemplo disse em entrevista que “Só preparo material para mim, não vendo”. (Pescador 1).

Como descrito nos relatos acima cada pescador descreve de maneira particular as malhas de redes que são usadas para cada espécie de peixe, cada um deles detalha como é feito cada processo, desde a confecção das redes até a sua utilização. Todas essas particularidades precisam ser estudadas de maneira mais aprofundada, para que haja não somente uma especulação sobre os termos, mas sim toda uma rede de conceitos formada a partir dos relatos da comunidade em sua maioria.

Begossi e Garavello citam que os resultados obtidos demonstram que os pescadores geralmente classificam e nomeiam espécies de peixes úteis de forma mais detalhada (BEGOSSI e GARAVELLO, 1990 apud SILVANO, 2004).

“As redes de espera ou “malhadeiras” são indicadas como boas para captura e estão entre os apetrechos mais utilizado pelos pescadores” Ao contrário do que acontece na comunidade de Arraial do Cabo (RJ) onde Monteiro-Neto et. al (2010) relataram como principais métodos de captura a pesca

de cerco de traineira, pescaria de linha, pescaria de espinhel e arrasto de praia, sem fazer menção à rede de espera.(RAMIRES; BARELLA; ESTEVES, 2012, p.4).

Com a citação feita pelos autores acima podemos perceber alguns dos petrechos que também são produzidos pelos pescadores da comunidade da Barra do Saí, mostra-nos também que as técnicas provavelmente são muito parecidas nas duas localidades, devido a semelhança de materiais.

Maldonado em seu livro *Mestres e Mares* aponta sobre a dificuldade em se permanecer com petrechos simples como o bote, que adentra apenas a uma certa distância, comparando os pescadores da Barra com o exemplo da autora eles se encaixam nos pescadores de águas costeiras, pois permanecem no mar de um a sete dias.

“Enquanto materialidade, o bote é o meio de transporte que permite aos pescadores o acesso aos espaços produtivos do mar. Ele é em si um instrumento de trabalho cuja utilidade se realiza em articulação com redes, espinhéis, covos, anzóis, potes de Barro, linhas e tantos outros elementos utilizados na produção pesqueira. A este nível, o acesso ao mar que certas formas de navegação permitem é determinado pela tecnologia utilizada. A autonomia da embarcação está relacionada com seu tamanho e o seu grau de mecanização, havendo frotas como a espanhola (Pi-Sunyer 1977) em que os barcos vão a mar alto, permanecendo cerca de 50 dias longe da terra. Os barcos mais simples que pescam em águas costeiras têm jornadas que vão de 1 a 7 dias, e as jornadas dos pescadores estuarinos raramente ultrapassa um dia. (MALDONADO, 1994, p.65). ”

Muitas das vezes a simplicidade dos materiais é aquilo que para os pescadores significa pescar, o pescador Gildo Cardoso e o pescador José Carlos Amorim de Freitas

No entanto, para muitos deles, sobretudo os mais velhos para quem o bote artesanal representa a própria pesca simples, adoção de novos instrumentos, de novas tecnologias, é vista

com certa reserva pela tradição Pesqueira que reage em defesa da sua identidade e do seu saber, como se pode ver nos depoimentos seguintes de mestre diferentes referindo-se em momentos também diferentes a modernização da Pesca. (MALDONADO, 1994, p.67)

A fala do pescador que Maldonado cita em seu livro exemplifica bem a resistência dos pescadores em modernizar.

“É. Facilitar facilita. Mas daqui a pouco ninguém mais é pescador. Ninguém precisa saber mais nada. Daqui a pouco o pescador não conhece mais o vento, as estrelas e nem a marcação. É só ligar o motor, botar a proa para fora e pronto. O pescador daqui a pouco não vai saber de mais nada. Vai se acabando, e acaba-se o pescador. Aí não tem marcação, mais nada...”.

Dos pescadores aqui de Guaratuba houveram relatos parecidos como o do seu José Carlos e de seu Gildo, que relataram a seguinte fala:

“Por que tem muito pescador que não sabe consertar a rede só sabe pescar, mas só sabe puxar a rede, não sabe remendar, não sabe dar os nós, então é isso aí. Depois tem que pescar mais consertar a rede, se não conserta a rede vai por água abaixo. ” (Pescador 8).

“Antigamente praticamente não tinha motores, era tudo a remo, artesanal mesmo, com canoa de madeira que hoje é proibido né. ” (Pescador 6).

Houve, portanto, uma unanimidade nas falas dos pescadores ao dizer sobre a modernização dos petrechos utilizados na pesca, segundo eles e segundo os autores trouxeram em seus estudos, os pescadores acreditam que por menor que seja a mudança nesses materiais já ocorre a descaracterização da pesca simples, ou seja, do jeito tradicional e simples de pescar. Pois de alguma forma estariam deixando de fazer o que sempre fizeram do modo que sempre o fizeram.

3.5 PERCEPÇÕES ESPACIAIS

“...quando eu ia pescar bem lá para fora a gente marcava por morro. Morro do Cristo com outro morro aí se saísse dali já perdi a rede. ” (Pescador 7).

“...quando a gente vai pescar 10 milhas no máximo que a gente vai no peixe, e no Camarão é mais perto. Nossa embarcação é pequena de dia-dia a gente não chega a ir para fora muito longe. ” (Pescador 4).

“...A gente pesca para o norte que é perto do cristo, para o sul que é perto da barra de São Francisco. ” (Pescador 5).

“...conheço até Bertioga, para o sul mais pouco, a pesca é mais perigosa porque tem que ser barco maior. ” (Pescador 8).

Cada pescador da comunidade tem seu certo território de pesca, alguns partilham do mesmo território entre si, porém com pescadores de outras localidades há uma divisão maior de até onde deve-se pescar. Essa técnica de divisão de territórios não é vista negativamente pelos entrevistados, visto que eles deixam claro que não vão pescar mais mar à fora por não possuírem grandes embarcações que suportem mais do que as milhas que eles estão acostumados a navegar.

Alguns pescadores relatam ainda que esses territórios possuem microterritórios, que são onde certas espécies se concentram em maior número. “Ou seja, o que os pescadores denominam como “pesqueiro” são na realidade manchas de pescado, ou locais onde determinadas espécies são encontradas. (BEGOSSI, 2004, p.223). ”

Os locais que os pescadores vão soltar suas redes depende muito de questões como força, tempo e disposição de cada indivíduo, pois os pescadores da comunidade não possuem apetrechos tecnológicos para ajudá-los no dia-dia.

É importante destacar que os limites dos territórios produtivos nem sempre são claramente definidos e que eles obedecem a lógicas distintas. As atividades extrativas (de pescado e vegetal) obedecem ao limite colocado pelos recursos naturais, ou seja, os animais e as plantas. Estes limites também se relacionam com a capacidade de deslocamento dos extrativistas. Como desenvolvem a extração de plantas a pé e pescam em geral com canoas a remo, o deslocamento é limitado em virtude da força humana. (ARAÚJO, 2009, p.48).

Segundo Maldonado (1994) “a marcação é uma das instâncias em que se constrói, se expressa e se atualiza a territorialidade dos pescadores. Nesse trecho a autora segue falando sobre as espacialidades e sobre os conceitos que usa para definir essa marcação. De modo geral os pescadores têm uma forma muito específica de observar, definir e conceituar cada espaço marítimo em que navega, seja de acordo com as espécies em que lá encontram, seja por ventos, estrelas e morros.

3.6 PERCEPÇÕES SOBRE VARIAÇÕES SAZONAIS

“Os peixes mais pescados varia muito, se o tempo está quente da mais pescada e agora mais para o inverno da mais mistura, diversos peixes, no verão dá bastante Salteira, porque a gente trabalha com a malha sete que cai pescada, betara. E no inverno a betara e corvina...” (Pescador 5).

“No verão, começo da temporada em novembro para dezembro é a época do bagre para nós...”. “A maioria do inverno é só a tainha, a Tainha a época é maio e junho, a corrida da tainha...” (Pescador 8).

Os pescadores entrevistados classificaram o clima de um modo diferente do mais usado, que seria o de quatro estações, eles têm essa noção sobre estações do ano, porém ao conversarem sobre as mudanças no clima e o que elas causam com relação aos peixes eles classificam como calor e frio, inverno e verão. Tais espécies têm mais ou menos no verão e no inverno. Durante o ano eles têm de parar por alguns períodos devido ao defeso, como o do camarão por exemplo. Durante esse período em que eles param de pescar, aqueles pescadores que possuem cadastro e carteirinha de pescador recebem o seguro defeso, que equivale a um salário mínimo por mês.

“A característica mais relevante dessa divisão consuetudinária e cíclica, que cada grupo pesqueiro opera nos mares que percorre em busca de peixe, é de que não há padrão fixo (mesmo que sazonal) de fenômenos e espécies marinhos. Assim, o cálculo e a organização produtiva dos pescadores, no que diz respeito ao espaço, se fazem sobre pontos que permanecem, enquanto outros se re-situam, de modo que os “pesqueiros” estão sempre sendo redescobertos, perdidos e esquecidos.” (MALDONADO, s/ano, p.3)

Para a autora mesmo as variações sazonais que seriam mais notáveis, não são as mais usadas por eles para estabelecerem épocas, pontos, locais de onde cada espécie estaria, pela fala dela notamos que tudo no ambiente marinho é muito instável, ponto lembrado por pescadores em conversas não documentadas da mesma forma

3.7 TERRITÓRIOS DE PESCA

“Quando eu ia pescar bem lá para fora a gente marcava por morro. Morro do Cristo com outro morro aí se saísse dali já perdi a rede. “ (Pescador 7).

“Quando a gente vai pescar 10 milhas no máximo que a gente vai no peixe, e no Camarão é mais perto. Nossa embarcação é pequena de dia-dia a gente não chega a ir para fora muito longe.” (Pescador 4).

“A gente pesca para o norte que é perto do cristo, para o sul que é perto da barra de São Francisco.” (Pescador 5).

Diferente de alguns relatos lidos por mim para analisar melhor a comunidade, os pescadores da Barra do Saí não deixaram especificados por nomes os lugares por onde eles pescam, falaram em milhas, norte e sul e por morros, descrições que para nós que não estamos inseridos na cultura da pesca fica difícil compreender exatamente onde são exatamente esses locais, mais ainda para quem não conhece a comunidade e até mesmo a cidade. Porém com uma simples visita a comunidade eles têm a disposição de te mostrar por onde saem e em que direção eles vão. Em conversas informais não documentadas eles deixaram claro que vão onde sabem que há mais incidência de certo tipo de pescado, conforme cada época.

A marcação é sem dúvida uma prática social ligada a territorialidade, conceito que informa fundamentalmente o conhecimento marítimos e as outras práticas que a ela associam na construção do horizonte de relacionamentos da sociedade pesqueira com o real. (MALDONADO, 1994, p. 98).

As características escolhidas por eles para definirem esses locais de pesca é descrita por MALDONADO como:

As zonas de pesca ou “mares” são grandes áreas baseadas na profundidade, composição de fundo e no tipo de pescado de cada lugar e essa forma de divisão básica do espaço é praticamente universal em pescadores marítimos. Os bancos pesqueiros ou “pedras”, “grounds” ou “fishing spots” são áreas menores dentro de cada “mar”, onde os botes ancoram e pescam a partir da sazonalidade da produção pesqueira que determina que espécies poderão ser perseguidas e capturadas em cada lugar. (MALDONADO, 1994, p. 98).

Para MALDONADO (s/ano, p.3) “os pescadores dividem o espaço marítimo em “mares”, “zonas de pesca”, “pesqueiros”, “pedras”, lugares de abundância cujas rotas e localizações são objeto de segredo. ”

A característica mais relevante dessa divisão consuetudinária e cíclica, que cada grupo pesqueiro opera nos mares que percorre em busca de peixe, é de que não há padrão fixo (mesmo que sazonal) de fenômenos e espécies marinhos. Assim, o cálculo e a organização produtiva dos pescadores, no que diz respeito ao espaço, se fazem sobre pontos que permanecem, enquanto outros se re-situam, de modo que os “pesqueiros” estão sempre sendo redescobertos, perdidos e esquecidos. (MALDONADO, s/ano, p.3).

Para os pescadores que entrevistei a pesca seria muito melhor se cada um lembrasse que está inserido em uma comunidade, lembrar que não se vive sozinho, lembrar que cada pescador deveria respeitar o território do outro, ou até mesmo unir-se todos por um território, segundo relato do pescador Pescador 6 “a comunidade em si não tem espírito de comunidade e deixa de lutar por seus territórios, perdendo espaço para a pesca semi ou industrial. ”

3.8 IMPACTOS DA PESCA ATUAL

Antigamente tinha muita lagosta aí na ilha, peixe da pedra também, mas não é porque a turma depredou muito é porque hoje tem muito barulho, aqui a vinte anos atrás tinha dez embarcações e hoje tem umas trinta, antes era motor fraquinho, hoje só motor forte. A lagostinha acabou-se, acho que por causa do assoreamento, muita areia né porque a lagosta gosta de pedra né, as pedras hoje maioria é coberta pela areia né. (Pescador 1).

Mais antigos tinha os que parou de dar né, a lagosta. Isso aconteceu por causa dos barulhos dos barcos. (Pescador 2).

O que sumiu mesmo da nossa Costa foi o cação, Garoupa, badejo e lagosta isso aí diminuiu, acabou. (Pescador 3).

Na época que eu comecei a pescar tinha muito lagosta e cação que hoje em dia volta e meia às vezes engata uma na rede, mas como a gente não faz muito consumo a gente solta. (Pescador 4).

A gente está vendo que tem diversas espécies que estão sumindo, por exemplo antigamente tinha um bagre muito gostoso que era o Bagre-Sarí, pescada branca que agora só para fora, o cação que agora não tem mais também. O que diminui também foi o camarão, conforme os anos, o Bagre-sari é muito raro, o parati diminuiu, o camarão branco. Que diminuíram por conta de ter muito barco né, os barcos grandes que acabam com tudo. (Pescador 5).

Quando eu era criança não tinha rede, só tarrafa, ao contrário de hoje em dia. Para fora as redes são mais industriais, ano retrasado enterrava tonelada de tainha. (Pescador 8)

Antigamente praticamente não tinha motores, era tudo a remo, artesanal mesmo, com canoa de madeira que hoje é proibido né. Uma saudade que eu tenho é da lagosta, antes na barra tinha. Mas sumiu por causa da rede, por causa de pesca de mais. O leão marinho também tinha lá na ilha. Um dos peixes que não tem mais ali também é o **parambiju**, o cação tinha na ilha também. Ano a ano vai diminuindo, anos atrás a gente não ia para o mar pegar tainha, porque tinha no nosso rio, mas a gente pegava só com tarrafa. As tartarugas na ilha também aparecem, de vez em quando, em dia mais calmo. O boto deu uma sumida, mas ele consome muita tainha, como diminuiu a tainha eles diminuíram também. (Pescador 6).

Dentre todos os aspectos que observamos e entendemos serem as causas da diminuição e extinção de algumas espécies, acredito que de certa forma não julgamos da mesma maneira que os pescadores participantes deste trabalho julgam. Muitos deles atribuíram o sumiço de algumas espécies de pescados ou animais marinhos da nossa costa a fatores não muito convencionais, como por exemplo os barulhos produzidos por embarcações de grande porte que fariam com que os peixes não se aproximassem da costa e a sobre pesca também por parte de embarcações de pesca industrial, que segundo eles chegam a puxar toneladas de peixes em poucas horas diminuindo consideravelmente todos os volumes de pescados.

Em um trabalho similar a esse Ramalho e Melo (2015) trouxeram a fala de um pescador que relatou as possíveis causas dessa diminuição de espécies, para ele o desmatamento dos mangues, a poluição das águas dos rios foram alguns dos motivos, juntamente com o crescimento da população que se voltou para a atividade pesqueira, causando uma sobre pesca na região e gerou pressão no ambiente. Como bem vimos nos relatos dos pescadores da Barra do Saí, foi de uns anos para cá que houve uma diminuição brusca na quantidade de pescados, como consequência o impacto em toda a economia da comunidade também mudaria.

No estudo realizado por Ramalho e Melo com a comunidade na praia de Carne de Vaca em Goiana, é obtida a comparação entre passado e presente por parte dos mestres de pesca com relação a escassez de pescado.

Assim, a escassez de pescados começou a dar sinais, já não existindo a oferta de antigamente. Sendo assim, a região estudada já apresenta indícios de um esgotamento de oferta pesqueira. A partir das entrevistas coletadas, foi possível perceber que, com o passar do tempo, houve uma diminuição gradativa na quantidade de quilos trazidos após uma jornada de trabalho nas águas. (RAMALHO E MELO, 2015, p.66).

É necessário compreender ao certo todas as questões envolvidas nesses processos de diminuição de pescados, pois o pescador artesanal infelizmente é deixado de lado em tomada de decisões relacionadas a que formas de manejo adotar para essa causa. Segundo a secretaria do meio ambiente:

“Estima-se que de 35 milhões de pessoas que participam diretamente da pesca e da aquicultura, em tempo integral ou parcial, mais de 95% vive em países em desenvolvimento e a maioria deles são pescadores de pequena escala. Pelo menos 5,8 milhões deles ganham menos de um dólar (aproximadamente 2,15 reais) por dia, posicionando-os entre as pessoas mais pobres do mundo. Além disso, os pescadores de pequena escala dependem da pesca como meio de sobrevivência e para segurança alimentar. E mais: frequentemente, a contribuição dos pequenos pescadores à renda nacional fica vulnerável à concorrência das frotas industriais. Convém ainda ressaltar que seus interesses são geralmente marginalizados quando são tomadas decisões sobre manejo de pesca. Lamentavelmente, muitos países colocam os interesses dos pescadores de grande escala em primeiro lugar, pois se percebe que deles provêm a maior parte do peixe comercializado nos mercados internacionais, do que se consome internamente ou do que se exporta aos países desenvolvidos. Ademais, o manejo da pesca, em muitos países, ainda é centralizado e controlado pelas altas cúpulas. (MMA, 2007, p. 6).

Existem várias causas possíveis que impactam a pesca negativamente, olhando de fora os motivos citados pelos pescadores não parecem serem os reais causadores desses impactos, porém como não podemos afirmar o contrário teríamos de estudar mais sobre esses impactos, levando em conta todos os motivos relatados por eles, afinal são os pescadores que estão imersos nesses problemas todos os dias e são eles quem mais poderiam opinar e tentar amenizar essas causas.

3.9 CONFLITOS

“Os conflitos aqui não têm, o pescador que arruma quando põe a rede onde não pode. Os turistas aqui não incomodam, quando incomoda a gente pega no pé.” (Pescador 1).

“Dos conflitos só com a força verde que pega as redes dos pescadores aí. Quando eu pescava eu saía aqui na frente só. Os turistas na temporada ajudam. (Pescador 2).”

“Conflitos quase não tem com a prefeitura, mas sobre a força verde prender pescador pobre e pequeno então eu acho errado. Tem que procurar realmente o pescador verdadeiro, de onde ele vem e da onde ele criou-se. Os turistas na temporada ajudam, mas não tem nem um lugar que eles possam estacionar e ficar mais tempo.” (Pescador 3).”

“Os conflitos aqui são tudo numa boa só que também não fazem nada e ninguém procura fazer nada, a associação tem, mas não ajuda. (Pescador 7).”

“Com a força Verde sempre teve conflito eles pegam o pescador pequeno pega uma lancha e vão lá, quando o pescador é grande e com barco industrial e tem influência eles nem chegam perto. Eles saem e te tratam como bandido. A associação está meio parada aí o pessoal tentou fazer outra, mas não pode enquanto tiver a outra” (Pescador 4).”

“Aqui a força verde tem que rever muita coisa, dos pescadores pequenos né, parar de beneficiar os grandes e ajudar os pequenos. Quando a pesca estava fraca eu trabalhei na draga e por um tempo na secretaria do meio ambiente. (Pescador 5).”

“Quem mais incomoda o pescador é a força verde, não pode larga a rede longe do costão e da boca do rio, mas eles não colocam baliza. O único defeso q a gente recebe é do camarão. Não temos nada, tem colônia, mas não tem associação. (Pescador 8).”

“Prefeitura não interfere, o IBAMA apesar de tudo está fazendo o trabalho, está protegendo. Eles pagam para a gente não pescar. Os conflitos são os próprios pescadores, cada um quer crescer mais q o outro, perdeu-se o espírito de comunidade, não tem mais união. Cada um por si. Lá na barra ninguém saiu, só no rio Saí-Guaçu que não pode pescar, mas artesanais eles não ligam muito. (Pescador 6).”

A prefeitura e demais órgãos da cidade são as principais causas dos conflitos segundos os moradores da comunidade, para eles o IBAMA e a Força Verde deveriam olhar com mais cuidado para os pequenos pescadores e assimilar que não são eles os principais degradadores do meio ambiente, mas sim são eles que ao continuarem com a pesca em pequena escala e de forma artesanal conseguem realizar revezamentos respeitando a época de cada peixe, que os pescadores industriais não respeitam mais. Segundo eles, a comunidade também conflitua entre seus moradores, não há mais espírito de comunidade como citado pelo pescador Gildo Cardoso, os pescadores creem que a maioria desses conflitos ocorre em parte por não terem uma associação que tome conta de seus direitos e deveres, que não promova atividades e eventos que de alguma forma valorizem a comunidade e seus moradores.

Os pescadores da Barra do Saí, conflituam também com as grandes embarcações que vez ou outra adentram em seus territórios, escasseando os pescados que os pescadores da comunidade iriam usufruir. Um fato parecido é relatado por Diegues no trecho a seguir:

Já no final da década de 70 as empresas de pesca, depois de sobre explorar os recursos nos mares do sul sudeste transferiram-se para Belém, no Pará, em virtude da riqueza ictiológica da foz do rio Amazonas. Ao mesmo tempo, houve uma expansão da pesca comercial, a partir de Belém e Manaus, quando as geleiras, ou barcos de transporte carregando gelo e barcos de pesca usando redes malhadeiras invadiam os rios e lagos onde anteriormente pescavam os moradores de beira de

rio ou ribeirinhos, causando sérios conflitos. (DIEGUES, s/ano, p.9)

O assunto conflito para os pescadores entrevistados não possui tantos relatos, pois segundo eles os poucos que ocorrem não são de grande escala, como desapropriação por exemplo, ou algum tipo mais “grave” de conflito tão comum em outras localidades. Em suma a comunidade da Barra do Saí considera-se pouco conflituosa, tanto pelos moradores entre si quanto com pescadores de outras localidades, ocorre sim, porém com pouca incidência, ou seja, uma das poucas comunidades tradicionais que podem dizer isso sobre esse tema.

Segundo Maldonado os Mestres, que são os pescadores estudados pela autora, não usam de força para resolver seus conflitos. Isso ocorre também na comunidade da Barra, pois não houve relato de nenhum pescador ou de morador da comunidade que dissesse que se usou força bruta para resolução de conflitos, o único relato negativo em relação a violência foi por parte da força verde, que às vezes usa de palavras pesadas para realizar seu trabalho de fiscalização.

Sempre que há conflito sério sobre o direito de pesca, o litígio deve ser gerenciado pelos Mestres, que preferem agir com indiferença do que usar a força, o que pode parecer um traço de fraqueza, mas que na verdade aumenta sua respeitabilidade, reforça a ética corporativa e prepara o terreno para novos entendimentos que certamente resultaram do conflito dirimido. (MALDONADO, 1994, p.122).

3.10 RELAÇÃO AFETIVA COM O MAR

“Olha minha relação com o mar guria, eu quando não vou pro mar fico louco, minha vida inteira é dentro da água, todo dia, durante o ano todo”(Pescador 1).

“Sou pescador e só faço isso, mas com o tempo fica difícil”(Pescador 3).

“Trabalhei de pescador a vida toda e agora tenho gente que pesca para mim. ” (Pescador 7).

“Ser pescador é melhor que ter alguém mandando em você. ” (Pescador 5).

“Hoje em dia lá na ilha ainda tem pescador que não quer fazer outra coisa, só a pesca. ” (Pescador 6).

A relação dos pescadores com o mar, a fonte de seus produtos é extremamente íntima. Cada pescador quando perguntado sobre sua relação com o mar mudaram de feição, por mais tímidos que estivessem com relação a entrevista abriam um singelo sorriso ao declarar o que sentiam por ele. Como foi a entrevista do pescador Gildo Cardoso que ao ser perguntado sobre seu sentimento disse a seguinte frase:

“Para mim o mar é Deus, dele vem tudo. ” (Pescador 6).

Outros pescadores assim como seu José Amorim relataram que quando não está pescando, está fazendo algo ligado a pesca.

“Quando eu não estou pescando estou fazendo trocado, fazendo cambal, tarrafa. (Pescador 8) ”

Segundo Adomilli (2007) apud (BITTENCOURT; ROSA; MOURA, s/ano, p.4) a atividade pesqueira tradicional, por ser influenciada por fatores ecológicos, faz com que os pescadores e pescadoras estabeleçam uma relação íntima diante da natureza.

Segundo Diegues (s/ano) “entre os vários aspectos de que se reveste o particularismo da gente do mar sobressaem os aspectos simbólicos, mágicos e rituais de que se reveste, em muitas culturas marítimas, a relação homem/mar”.

O produto que pescam vem do mar, sua fonte de sustento maior é o mar, a maioria quando pensa em algo bom lembra do mar, para os pescadores não só da comunidade da Barra mas acredito que de todas as comunidades tradicionais de pescadores espalhadas pelo Brasil, vê o mar com um olhar mais sentimental, a relação homem/mar se dá com imensa gratidão pelo que pude observar ao longo da construção deste trabalho. Por isso a importância de conhecer a fundo as

comunidades quando formos falar delas, pois o modo que olhamos para o mar é totalmente diferente daqueles que interdependem dele.

4. CONCLUSÃO

O estudo abordou os aspectos etnográficos presentes na comunidade de pescadores da Barra do Saí no município de Guaratuba-PR. De forma que os dados passados nos fazem ter uma pequena noção do que ocorre na comunidade em relação a pesca. Tentei abordar o máximo de suas características pesqueiras e o conhecimento dos pescadores por alguns temas usados em outros estudos etnográficos como esse.

Seus conflitos, seus materiais, o modo que cada um enxerga o mar e a pesca, o modo e lugar que confeccionam seus materiais, conhecimento sobre o clima e sobre a época de cada pescado, além da comparação de passado e presente na Barra pela fala de alguns dos pescadores mais velhos, suas lembranças e as mudanças mais perceptíveis que eles notaram ao longo dos anos; foram alguns dos temas abordados.

Após estudar sobre aspectos etnográficos e sobre a comunidade conclui que a pesca tem importante papel na conservação da natureza e que mais importante do que falar de pesca é valorizar o pescador, tratá-lo como detentor de uma cultura muito antiga e que é capaz de coexistir com a natureza, causando-a impactos mínimos. Na realidade uma das poucas populações que conseguem esse feito são as comunidades tradicionais. Tive ainda que estudar sobre sazonalidade, conflitos e direitos. De modo geral o estudo abordou as características ecológicas e sociais das comunidades, bem como a relação de dependência dos pescadores da comunidade com relação ao mar e os produtos que dela retiram.

Realizando esse trabalho pude perceber várias características que a comunidade de pescadores da Barra do Saí possui, características essa pouco valorizadas. O conhecimento que cada pescador possui sobre várias áreas da pesca e da cultura são fatores que deveriam ser estudados mais a fundo, pois nesse estudo foram tratados mais superficialmente. Porém levei muitas coisas em conta antes de finalizar as entrevistas, como atitude de falar de cada tema que partiu primeiramente de cada entrevistado, foram os pescadores que escolheram sobre o que queriam ou não falar.

Uma recomendação para futuros trabalhos que venham a estudar a comunidade da Barra do Saí ou até mesmo outras comunidades é que levem em conta tudo aquilo que os pescadores quiserem relatar, que entrem na comunidade com um olhar totalmente limpo e a cabeça totalmente aberta pra ouvir e absorver todo o conhecimento que eles querem nos passar, conheçam a fundo a comunidade e se possível se fixem nela para realizar todos os estudos, pois estando imersos na comunidade acredito que os pesquisadores consigam desempenhar melhor seu papel.

A cultura caiçara merece um enfoque maior por parte dos pesquisadores, há muito conhecimento em cada comunidade, por isso faz-se fundamental que sejam conhecidas e reconhecidas como importantes para a preservação da natureza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, E. R.K. Terra e água: Territórios dos pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu-Bahia. Universidade Federal da Bahia-Instituto de Geociências- Programa de pós-graduação em Geografia. Salvador-2009.
- BAEZ, C.O. Roteiros etnográficos e categorias analíticas na elaboração de um conhecimento científico sobre os pescadores artesanais em João Pessoa/PB: Estudos sócio antropológicos no bairro Jacarapé. Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande.
- BARROS, P.M.F.; MARQUES, J. G.W. Conhecimento de pescadores tradicionais sobre a dinâmica espaço-temporal de recursos naturais na Chapada Diamantina, Bahia. *Biota Neotropica*, vol. 7, núm. 3, septiembre-diciembre, 2007, pp. 119-126 Instituto Virtual da Biodiversidade Campinas, Brasil Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=199114292014>>
- BEGOSSI, A. Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia. Editora HUCITEC. São Paulo, 2004.
- BITTENCOURT, C. A. S.; ROSA, R.R.G.; MOURA, G.G.M.; Se ela ta vendo eu também posso ver: A etnografia na colônia de pescadores z-3, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível online em: <https://www.researchgate.net/publication/321904417_Se_ela_ta_vendo_eu_tambem_posso_ver_a_etnografia_na_colonia_de_pescadores_Z-3_Pelotas_Rio_Grande_do_Sul_Brasil> Acesso em 23 set.2018.
- DALMOLIN, M.B.; LOPES, S.M.; VASCONCELLOS, M.P. A construção metodológica do campo: Etnografia, criatividade e sensibilidade na investigação. *Revista Saúde e Sociedade* 11(2): 19-34, 2002.
- DIEGUES, A. C. S. A sócio antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, Lisboa, v. III, n.2, p. 361-375, 1999.
- DIEGUES, A.C. A sócio antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil: Uma síntese histórica. Centro de Culturas Marítimas-CEMAR/NUPAUB. Universidade de São Paulo.

- DIEGUES, A.C.; ARRUDA, R.S.V.; SILVA, V.C.F.; FIGOLS, F.A.B.; ANDRADE, D. Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil. NUPAUB-PROBIO-CNPQ. 1999.
- DIEGUES, A.C.; VIANA, V.M. Comunidades Tradicionais e Manejo de Recursos Naturais da Mata Atlântica. Editora HUCITEC. São Paulo, 2004. Segunda edição.
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, Aug. 2004.
- MALDONADO, S. C. A caminho das pedras: Percepção e utilização do espaço na pesca simples. UFPB
- MALDONADO, S.C. Mestres & Mares: Espaço e Indivisão na Pesca Marítima. 2. ed. São Paulo: Annablume, 1994.
- MATTOS, C.L.G. A abordagem etnográfica na investigação científica. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2.
- MELO, A.; RAMALHO, C. Uma etnografia dos mestres da pesca artesanal da praia de Carne de Vaca, Goiana, PE. Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, Pernambuco, jan. /jun. 2015.
- PEREIRA, B.E. Crianças Caiçaras de Guaraqueçaba-PR: Relações com a natureza Universidade de São Paulo Instituto de Energia e Eletrotécnica Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental. São Paulo 2011.
- PEREIRA, B.E.; DIEGUES, A.C. Conhecimento de populações tradicionais como Possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação. Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010. Editora UFPR
- RAMALHO, C.W.N. O sentir dos sentidos dos pescadores. Universidade Federal de Sergipe. REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2011, V. 54 Nº 1.
- RAMALHO, C.W.N. Pescados, pescarias e pescadores: notas etnográficas sobre processos ecossociais. Universidade Federal de Pernambuco. Recife,

Pernambuco, Brasil. Ecosociais. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 11, n. 2, p. 391-414, maio-ago. 2016.

RAMIRES, M.; BARELLA, W.; ESTEVES, A.M. Caracterização da pesca artesanal e o conhecimento pesqueiro local no Vale do Ribeira e Litoral Sul de São Paulo. Revista Ceciliana jun. 4(1): 37-43, 2012 ISSN 2175-7224- © 2011/2012- Universidade Santa Cecília disponível online em: <<http://www.unisanta.br/revistaceciliana>> Acesso em: 15 set. 2018.

REGO, L.; BATISTA, M. Os impactos ambientais da pesca artesanal: perspectivas de educação ambiental com mulheres marisqueiras. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8303910-Os-impactos-ambientais-da-pesca-artesanal-perspectivas-de-educacao-ambiental-com-mulheres-marisqueiras.html>>. Acesso em: 02 de set. 2018.

ROMERO, F.L. “O PESCADOR É SOFREDOR”: identidades e conflitos em torno da reprodução social da pesca artesanal na praia de Itapoã, Espírito Santo. Revista do programa de pós-graduação em Sociologia da UFPE. Est. Soc. [online]. 2014, vol. 1, n. 20.

SAUTCHUK, C.E.; SAUTCHUK, J.M. Enfrentando poetas, perseguindo peixes: sobre etnografias e engajamentos. MANA 20(3): 575-602, 2014.

TOLEDO, V.M. Povos/ comunidades tradicionais e a biodiversidade. Instituto de Ecologia, UNAM, México. In: Encyclopedia of Biodiversity. Academic Press (2001).

ANEXO I
LISTA DE FIGURAS



Figura 1-Casa do pescador Vavá. Fonte: Acervo pessoal



Figura 2-Casa do pescador Olímpio. Fonte: Acervo pessoal



Figura 3-Casa do pescador José da Silva. Fonte: Acervo pessoal



Figura 4-Rancho de arrumar barcos. Fonte: Acervo pessoal



Figura 5-Rancho de arrumar barcos. Fonte: Acervo pessoal



Figura 6- Casa de pescador com rede para conserto. Fonte: Acervo pessoal



Figura 7-Comércio local mercado da Barra. Fonte: Acervo pessoal



Figura 8-Antiga banca de peixe da Barra. Fonte: Acervo pessoal



Figura 9-Comércio local-banca de açaí e peixaria ao lado. Fonte: Acervo pessoal



Figura 10-Comércio local-restaurante. Fonte: Acervo pessoal



Figura 11-Placa de Boas Vindas na entrada da praia. Fonte: Acervo pessoal



Figura 12- Barcos no barranco do rio Bacamarte. Fonte: Acervo pessoal



Figura 13- Barcos em frente ao rancho. Fonte: Acervo pessoal



Figura 14-Barcos com materiais. Fonte: Acervo pessoal

ANEXO II

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS COM OS PESCADORES

ENTREVISTAS BARRA DO SAÍ:

❖ Pescador 1 ❖ 50 anos de idade ❖ Pesca desde os 14 anos de idade

Relato:

“Eu pesco tainha, Cavala, Salteira, na época do camarão eu pesco camarão. Quando fecha o camarão no defeso né a gente para, aí vai para rede, quando está liberado nós vamos para o camarão e na época da tainha nós vamos para a tainha. Tudo no mar, no rio nós não pesca, só em mar aberto e tudo de rede, só de rede. Os nossos materiais, cada tipo de rede é um tipo de peixe, a malha onze e doze é para tainha, a malha dez para cavala, malha dezesseis e dezoito para linguado, corvina. Ai a de camarão é outro tipo de ferramenta né, de rede. Só preparo material para mim, não vendo. Quando é rede para Cavala e Tainha a gente leva a rede, vê o cardume e cerca. Quando é para linguado a gente deixa armado de fundeio de um dia para no outro ir buscar, já o camarão a gente arrasta o camarão, arrasta ele amarrado nas pranchas nas pontas para o fundo e vai arrastando e vai com o barco puxando. As redes de peixe, de fundeio fica armada de um dia para o outro, para linguado, para corvina e quando é na época da tainha a gente vê o cardume cerca e volta. A procura dos peixes depende da época né, por exemplo agora é época da tainha, ai de agosto em diante é época da corvina e linguado que daí é mais procurado o linguado né, é safar né, conforme a safra a gente pesca né. Ai mais para o final do ano é a salteira, robalo e pescada branca. Pro comércio o mais procurado é tainha e linguado né. Pro nosso consumo sendo peixe qualquer qualidade, não temos preferência, só o turista mesmo. A época de cada peixe por exemplo tainha é de maio a junho, ai de junho até agosto é cavala e linguado, depois em setembro começa a corvina né, aí robalo em janeiro, o camarão é de março a junho o defeso. A cavala é um peixe que vem com a cavala, só que a cavala fica uns tempos aí, então a gente vai para a tainha que vem e já some. Ai se o camarão some a Bembeca. O nosso peixe mais caro é o linguado,

o robalo e a pescada né, o mais barato é a corvina. Antigamente tinha muita lagosta aí na ilha, peixe da pedra também, mas não é porque a turma depredou muito é porque hoje tem muito barulho, aqui a vinte anos atrás tinha dez embarcações e hoje tem umas trinta, antes era motor fraquinho, hoje só motor forte. A lagostinha acabou-se, acho que por causa do assoreamento, muita areia né porque a lagosta gosta de pedra né, as pedras hoje maioria é coberta pela areia né. Os conflitos aqui não têm, o pescador que arruma quando põe a rede onde não pode. Os turistas aqui não incomodam, quando incomoda a gente pega no pé. Nosso território é currais, barra do itacolomi, barra do São Francisco. Olha minha relação com o mar guria, eu quando não vou para o mar fico louco, minha vida inteira é dentro da água, todo dia, durante o ano todo.



Pescador 2 ❖ 67 anos ❖ Pesca desde os 13 anos de idade

Relato:

Eu fazia pesca de camarão, depois de rede também e só. Os materiais que já usei era rede de camarão e hoje só de peixe. Para pescar fora tem que ir cedo né quatro cinco horas, para a arma a rede é fácil, é só armar por trás do barco e vai esticando ela, vai esticando até chegar no final e deixa. Na de camarão aí é puxando. O peixe mais pescado é a tainha, linguado e mais para o final do ano é a Salteira. Para consumir a tainha né. A época da tainha é agora no inverno e no verão já é a Salteira dai, depois é mais misturado. Da relação das espécies assim, o camarão tem época né, dezembro e janeiro da mais sete barbas e no inverno é mais camarão branco. Aí os valores é o camarão branco e a tainha que dá mais lucro, e no verão é a salteira que é vendida para o turista. Diminuiu bastante o peixe, a tainha, corvina, robalo. Mais antigos tinha os que parou de dar né, a lagosta. Isso aconteceu por causa dos barulhos dos barcos. Pescar eu pescava todo dia, agora só os meus filhos, só vive como pescador. Dos conflitos só com a força verde que pega as redes dos pescadores aí. Quando eu pescava eu saia aqui na frente só. Os turistas na temporada ajudam.

❖

Pescador 3 ❖ 61 anos ❖ Pesca desde os 16 anos

Relato:

Pesco camarão e peixe, tainha a gente pesca um pouco. A gente pega o que cai na rede, às vezes robalo, pescada. Mas só pesca de rede e camarão, que são dois tipos de pesca né. A de peixe é rede de malha e a de camarão é de arrasto né. Os materiais: para camarão é malha dois, malha três e para a rede de malha depende, a pescada miúda é malha sete, para peixe maior é malha dez e onze e treze. Nosso material é a rede e tarrafa que a gente mesmo faz, a rede a gente compra a panagem e faz o entralho aí monta ela. Essa rede é dois meses para montar ela (de peixe). De camarão a gente trabalha um pouco a gente faz é mais fácil porque a gente compra pronto, pelo preço que tem vale mais a pena comprar do que você fazer manutenção gastar o tempo fazendo. A tainha sim a gente embarca rede na canoa você sai daqui e você não larga a rede, você vai procurando o cardume e se você encontrar o cardume você cerca e se você não encontrar você nem larga rede para tainha. Essa é a pesca da tainha trabalhamos em duas pessoas no barco no máximo três porque o barco é pequeno e todo mundo faz a mesma função tanto no motor tanto soltar quanto puxar, os três fazem o mesmo sentido. O peixe mais pescado para nós é a tainha que está aparecendo agora que fazia anos que não dava peixe para nós e a tainha é a única safra que está salvando nós. O máximo de tainha para nós aqui é um mês, depois já escasseia daí já passa safra. Aí a gente volta para o camarão, volta para pesca do camarão. Eu já não pesco mais, mas a turma ainda pesca rede de fundeio que você arma hoje e amanhã você vai lá revistar que daí é outro tipo de peixe, robalo, pescada e corvina. O preferido do turista para te falar a verdade o camarão Branco, robalo, pescada e o linguado. O sete barbas é bem pouco, a tainha eles procuram no começo depois não procuram mais. Quando a tainha dá uma porção mais ou menos a gente entrega para fora da Barra para Guaratuba para o centro, mas hoje está ficando difícil para a gente entregar porque no Paraná a gente não tem licença para pescar tainha, então está ficando muito difícil porque Santa Catarina criou uma cota e quando enche aquela cota deles eles não podem pegar mais do Paraná, praticamente eles não querem pegar porque a gente não tem licença específica só para tainha. Aqui no Paraná em lugar nenhum tem essa licença então a gente se vira assim, para consumo nosso a gente não tem isso é qualquer tipo, robalo pescada,

corvina e cação. Mas cação já é difícil de pegar hoje porque ainda está proibido, mas na nossa costa já acabou bastante. Os meses do Camarão branco é na verdade março, abril, maio e junho, só que a gente começa a pescar só dia 30 de junho porque é fechado 3 meses por que tem a defesa da pesca que para nós está errado essa defesa. Quem ganhou o licenciamento foi Itajaí, então eles lá mandam e desmandam dentro do Paraná, porque lá a classe pesqueira é bem mais forte e é mais industrial e aqui é artesanal. Lá a fortaleza é industrial, saem com um barco lá vem com 50 40 toneladas dentro do barco e nós todos pescando aqui na barra não chega a pegar 20 toneladas todo mundo. Depois que passa o camarão Branco vem a corvina, mês de agosto, setembro e outubro. O robalo na temporada é a mais forte para vender, o peixe aqui na temporada não dá muito para nós aí fica difícil, aí a gente pesca, mas é bem pouquinho, aí o mais forte é o camarão na temporada sempre dá sete barbas e vende bem. O que faz aumentar o peixe e o camarão é não trabalhar nele no tempo de desova, que daí o número vem triplicado dentro de dois anos você já vê diferença quando fecha. Para venda o mais caro do Peixe hoje aqui é a pescada o robalo e o linguado o resto é tudo precinho supérfluo. A garoupa, badejo caranha, miraguaia que não tem mais na nossa costa um dia teve bastante, saiu tudo da nossa Costa. 30 anos atrás 40 Anos atrás tinha muita lagosta na nossa costa, nós pescávamos com 500 metros de rede e voltava com 400 e 500 Kg de peixe e hoje nós pesca com 3600 metros de rede e não trouxemos 50 kg de peixe. Antigamente você pescava com 500 metros e trazia uma canoa dessa cheia, saia de madrugada e voltava carregado, hoje não tem mais isso. O que sumiu mesmo da nossa Costa foi o cação, Garoupa, badejo e lagosta isso aí diminuiu, acabou. Conflitos quase não tem com a prefeitura, mas sobre a força verde prender pescador pobre e pequeno então eu acho errado. Tem que procurar realmente o pescador verdadeiro, de onde ele vem e da onde ele criou-se. Os turistas na temporada ajudam, mas não tem nem um lugar que eles possam estacionar e ficar mais tempo. Isso tira muito do nosso lugar, a associação que poderia correr atrás disso não tem ninguém mais tomando conta. Sou pescador e só faço isso, mas com o tempo fica difícil.



Pescador 7 ❖ 69 anos ❖ Pesca desde os 18 anos

Relato:

Já exerci pesca de rede e de peixe, de cação, de peixe grande. O material sempre foi rede de náilon, malha 18 e malha cinco, que a 18 é para cação e a cinco é para mistura. A gente saía cedo e jogava a rede deixava uma meia hora depois colhia de novo, daí tirava o peixe largava de novo, assim nós íamos a gente ia de três pessoas. O peixe mais pescado era a membeca, cavala e a pescada branca. Para vender o cação a membeca e para consumo membeca também. Na temporada nós pescava temporada inteira Desde quando começava até terminar e era misturado. Nós íamos para o que desse matava peixe, matava cação, membeca e fora da temporada nós ficava no camarão que é o ano inteiro, ficava três meses parado recebendo salário mínimo durante os três meses. Por exemplo agora está liberado o camarão branco, mas só depende não pode pescar dentro da milha. Eles disseram que se tiver gente vendendo tainha nessa época é proibido porque essa é a época da desova. Antigamente eu não precisava ir tão longe e agora a gente se some para for, por perto agora é muito barulho e muito barco. Antigamente a gente pegava e vendia tudo fosse o preço que fosse, a gente vendia tanto para o atravessador quanto para o turista e o que a gente prefere comer é a pescada branca e o cação também é bom, mas aqui para nós acabou. A barra mudou muito, teve uma barragem feita pela Sanepar que fechou o rio lá em cima para poder pegar água, fazer essa barragem o rio secou e ficou com pouca vazante. Daí a barra abaixa, aí não dá para nós sair porque o bote a canoa encalha. Os conflitos aqui são tudo numa boa só que também não fazem nada e ninguém procura fazer nada, a associação tem, mas não ajuda. Quando eu ia pescar bem lá para fora a gente marcava por morro. Morro do Cristo com outro morro aí se saísse dali já perdi a rede. Trabalhei de pescador a vida toda e agora tenho gente que pesca para mim.

❖

Pescador 4 ♦ 34 anos de idade ♦ Pesca desde os 14

Relato: Eu mexo mais com camarão, mas às vezes mexo com peixe também, mas o mais forte é o camarão mesmo, arrasto de camarão. Normalmente são duas redes no arrastão de camarão, mas quando a gente usa rede para peixe são várias às vezes 500 metros de rede. Depende de cada época e cada tipo de peixe, o camarão é a mesma rede aí é outra história o peixe, você vai lá e deixa a rede e no outro dia vai buscar, já no camarão você vai e leva e traz a mesma rede. O camarão normalmente a pessoa deve trabalhar numa embarcação sozinho porque é pequena, já no peixe tem que ser no mínimo duas pessoas porque é trabalho braçal, no camarão você tem o guincho que puxa a rede e no peixe é braçal não tem como ser sozinho. No peixe a gente vai lá fica com a rede no barco e solta e tu vem embora no outro dia, já no camarão você vai solta a rede e fica puxando com o barco e traz ela de novo, na de peixe é mais de uma pessoa. O peixe mais pescado para gente aqui é de época tipo, agora é da tainha e depois é do pescada, depois de robalo. Normalmente a cada três meses vai mudando ciclo de espécies. A época que a gente mais pesca é na época da tainha e no consumo é a pescada, depende do que você pesca o bom para consumo é a pescada mesmo. Em junho e julho é a tainha, mas daí tem a cavala também que dá praticamente o ano todo. Em agosto, setembro a pescada bembeca e pescada branca, daí novembro e dezembro é a salteira que continua em janeiro. São várias espécies no mesmo tempo, o camarão normalmente à época que ele dá mais é depois do defeso porque fica três meses parado e depois vem mais. Os mais vendidos na temporada são salteira e pescada normalmente. Antigamente em relação agora tinha muito mais peixe por causa que antigamente não tinha esses barcos Industriais que volta e meia estão aqui perto e o barco que a gente pesca não faz diferença em nada perto do deles, a gente pega por exemplo 80 kg por dia e eles pegam umas 140 toneladas em uma ou duas horas, não chega acabar mas diminuiu bastante. Na época que eu comecei a pescar muito lagosta e cação que hoje em dia volta e meia às vezes engata uma na rede, mas como a gente não faz muito consumo a gente solta. Com a força Verde sempre teve conflito eles pegam o pescador pequeno pega uma lancha e vão lá, quando o pescador é grande e com barco industrial e tem influência eles nem chegam perto. Eles saem e te tratam como bandido. A associação

está meio parada aí o pessoal tentou fazer outra, mas não pode enquanto tiver a outra. Quando a gente vai pescar 10 milhas no máximo que a gente vai no peixe, e no Camarão é mais perto. Nossa embarcação é pequena de dia, dia a gente não chega a ir para fora muito longe. Os turistas na temporada ajudam um pouco, mas aqui é um lugar pequeno e tem bastante turista, mas que só que vêm para visitar por ser um bairro muito pequeno. No meu caso eu trabalho eu mando para indústria manda para o atravessador, por isso não afeta muito meu lucro.



Pescador 5 ♦ 49 anos de idade ♦ Pesca desde os 14 anos

Relato:

Eu pratico pesca artesanal em alto mar, pesca de camarão e de peixe. De rede, rede de camarão e de espera que é de peixe, rede malha sete e rede de arrasto. A rede eu compro o pano e entralho né, a malha sete que é de mistura. Quando a pesca está fechada e abre, durante duas semanas dá bastante, aí depois ela fica escassa porque os barcos grandes saem arrastar e os pescadores pequenos são prejudicados. E a pesca do peixe é mais a pescada que dá mais no verão, mas se o mar estiver calmo a gente pega o ano inteiro. A gente arma a rede de manhã, olha de tarde, de noite e volta pela manhã de novo, isso quando o tempo está bom, quando está ruim a gente arma a tarde e vê no outro dia de manhã. E geralmente a gente pesca em duas pessoas, no camarão também em duas. Aí a gente sai de madrugada e arrasta cada lanço, puxa e solta a cada duas horas, aí puxa para dentro e vem embora. Os peixes mais pescados varia muito, se o tempo está quente dá mais pescada e agora mais para o inverno dá mais mistura, diversos peixes, no verão dá bastante salteira, porque a gente trabalha com a malha sete que cai pescada, betara. E no inverno a betara e corvina são muito bons para fazer frito. A tainha a gente pega agora em junho né, começa a armar a rede de maio para junho e pesca agora até julho para meados de agosto. Ai esse ano a gente tirou a rede porque o mar quebrou, e a gente colocou em Santa Catarina por causa da fiscalização aqui. Os banhistas gostam mais de filé de pescada, betara, pescada branca, mas a gente não tem preferência. A gente aqui vende para o atravessador, em casa e direto para o turista. Para a Santa Catarina já dá bastante anchova que aqui quase não dá mais, para lá tem defeso de sardinha e aqui nós temos do camarão. A gente está vendo que tem diversas espécies que estão sumindo, por exemplo antigamente tinha um bagre muito gostoso que era o bagre-sari, pescada branca que agora só para fora, o cação que agora não tem mais também. O que diminui também foi o camarão, conforme os anos, o bagre-sari é muito raro, o parati diminuiu, o camarão branco. Que diminuíram por conta de ter muito barco né, os barcos grandes que acabam com tudo. A gente pesca para o norte que é perto do cristo, para o sul que é perto da barra de São Francisco. Aqui a força verde tem que rever muita coisa, dos pescadores pequenos né, parar de beneficiar os grandes

e ajudar os pequenos. Quando a pesca estava fraca eu trabalhei na draga e por um tempo na secretaria do meio ambiente. Mas mexer com política não dá certo, ser pescador é melhor que ter alguém mandando em você.



(único morador do bairro piçarras) ❖ Idade: 65 anos ❖ Desde quando pesca: 11 anos

Relato:

_ Meu começo de pesca foi de linha né, comecei a pescar de linha depois foi indo, foi indo, as coisas foi crescendo daí a gente já fez espinhel, começou a pescar de ESPINHEL, PESCADA, ROBALO, PREJEREVA, BADEJO, CARANHA, PESCADA, MIRAGUAIA e depois foi passado a pescar de rede. Aí fomos fazendo rede, que era feita na mão não era rede comprada ainda, não tinha rede beneficiada nas fábricas, na indústria e daí depois era tudo a remo, pesca a remo quase não existia motor maioria da pesca era remo, daí fui passando para a pesca a motor, motorizada. Hoje em dia com barco a motor, com rede. Os materiais, a pesca de rede tem que ter muita classe de malha de rede. A malha 7, a malha 6 já pega mais “miudeira”, a malha 7 8 tem que ser a malha conforme os peixes. Pro parati tem que ser a malha sete, malha oito, já com a Tanhota tem que ser a malha nove, a tainha grande tem que ser a malha 11 e 12, para corvina já tem que ser a malha 10. E daí vai indo né, as técnicas daí tem a quando eu gosto que é só pesca, tem que remendar, consertar a rede. Por que tem muito pescador que não sabe consertar a rede só sabe pescar, mas só sabe puxar a rede, não sabe remendar, não sabe dá os nós, então e isso aí. Depois tem que pescar mais consertar a rede, se não conserta a rede vai por água abaixo. Depois eu armo a rede, tem a rede de fundeio que é aramado. Aí amarra os ferros da rede nos calões da rede, rede de fundeio você solta com dez braças, aqui na Baía com 10 braças lá fora a rede de fundeio tem que ser 20 braças de calão da rede. Lá fora a pescaria já e diferente, a força de água. Os calões da rede têm que ser mais compridos para não enleiar no ferro, o calão de rede curto enleia na rede, às vezes o ferro não aguenta e começa a rodar a rede, aí a rede roda. Calão é as pontas da rede, tem gente que chama de ponta de rede mesmo. É os peixes, aqui na Baía o parati dá o ano inteiro, no verão é mais forte a pescaria, no inverno é mais pouco e é mais a época da Tainha. No verão, começo da temporada em novembro para dezembro é a época do bagre para nós, da boca da barra para dentro então é onde dá mais bagre é na ilha do rato, da balsa para cima, ali da boca da barra para dentro nós pesca mais o bagre. A malha para o bagre já é a 16, a malha 20 já é uma rede muito clara para o bagre, já é para peixe graúdo. E assim por diante né, o melhor para consumo é conforme o peixe é

feito, o bagre é melhor feito file, pela carne vermelha parece com a carne do salmão e o parati também dá filé bom, igual ao da Salteira. Relação entre os peixes, no tempo da tainha também corre junto a Carapeva, mas é pouco. A maioria do inverno é só a tainha, a Tainha a época é maio e junho, a corrida da tainha. No verão é só mais o parati e o bagre, três meses de bagre só. Para fora já pega bastante não dá para explicar. A sardinha já é mais complicada, tem que saber os meses. A sardinha é pescado 6 meses depois fica fechado. Na temporada os mercados trabalham mais com os filés, inteiro é mais a tainha, pescada, linguado, robalo. A poluição, a maioria da poluição é o rico que faz, porque lá fora no arrasto do camarão, vem muito lixo, plástico, chinelo, boneca, garrafa, roupa que jogam das lanchas. Maioria que faz é turista, para eles não tem valor, tanto faz. Eles não sabem espanta o peixe com a poluição, eles pensam que pegar peixe é só jogar a rede. Eles não se importam porque só vivem do comprado, não são que nem os pescadores que vivem só da pesca, tem pescador que não sabe trabalhar que só vive da pesca. Antigamente no meu tempo que eu comecei a pescar na Baía de Guaratuba tinha muita sardinha de penacho, era demais, hoje não se encontra mais. A Sabelha era morta de tarrafa, hoje não tem mais, o bagre-de-Sari também não tem, Caçõzinho figo branco não tem também, então tudo é muita poluição no mar, muito lixo e também muita exploração, a maioria de pescador aumentou muito e daí falta pescado. É muito pescador para tirar sustento do mar e é só um para repor, a natureza. A pescaria de mergulho, espanta muito, os filhos de turista. Eles matem lá no fundo, se escapa ele morre machucado pelo arpão. A lancha e o barulho dela na Baía, entra pelo rio com a maré seca, as larvinhas de peixe que tãõ no vanzeiro, o vanzeiro mata tudo. Tanto acaba com as larvinhas de peixe quanto com o costão, o vanzeiro bate a vai roendo barranco das ilhas e dos mangues. Antigamente pescava no rio de rede, hoje em dia as autoridades não deixam os pescadores pescar só os turistas. Outro também que acabou foram as Tanhotas no rio Cubatão, são João, rio, guanxuma. A seva vem destruindo a criação da Tanhota no rio. A seva por 10 quilos de milho num saco e põe na água pra Tanhota comer, onde eles matam a Tanhota, isso apodrece a barriga do peixe. Na Baía continua o mesmo, só que mais pouco. A balsa não estorva, porque o peixe entra lá e profunda, a tainha entra do mesmo jeito. A tainha o que acaba é a traineira, que pega até 10 toneladas para cima, o peixe nem chega aqui. Quando eu era criança não tinha rede, só tarrafa, ao contrário de hoje em dia. Para fora as redes são mais industriais. Ano retrasado enterrava tonelada de tainha. Tudo que aprendi foi com meu

pai, hoje em dia não tem muito essa transmissão de ensinar. Aí depois de casado aprendi a pescar em alto mar. Conheço até Bertioga, para o sul mais pouco, a pesca é mais perigosa porque tem que ser barco maior. A gente pescava em três, todo mundo faz tudo junto. 1 trabalha no motor e 2 na rede. Antes da lua faz três mares grande, depois mais três mares grandes. Quem mais incomoda o pescador é a força verde, não pode larga a rede longe do costão e da boca do rio, mas eles não colocam baliza. O único defeso q a gente recebe é do camarão. Não temos nada, tem colônia, mas não tem associação. Quando eu não estou pescando estou fazendo trocado, fazendo cambal, tarrafa.

❖ Pescador 6:

❖ Idade: 49 anos

❖ Desde quando pesca: 13 anos

Relato:

Eu pesco desde os 13 anos, eu pesco peixe, camarão, antigamente o cação, hoje em dia não mais, vários tipos de peixe da nossa costa, mar adentro, no rio. Material nosso é rede, diversos tipos de rede para cada época, por que é para cada tipo de peixe, a gente usa diversas malhas de rede, grossura de náilon. Cada local e cada tipo de peixe usa uma rede. O que nos usa na nossa costa aqui por exemplo em termos de malha de rede, sempre de náilon, a malha 10, a 6 não é permitido, então a gente usa malha sete em diante. Por exemplo a malha sete pega pescadinha, aí vai para a malha dez que pega cavala (conhecida como sororoca, Salteira), pega robalo. Na malha 11 pega a tainha, aí tem a malha dezesseis Panguá. Geralmente na pesca de pescadinha, Salteira a gente usa a rede de espera, solta e daí no outro dia vai recolher ela, tudo puxado artesanalmente, já na tainha a gente leva a rede no barco vê onde está o cardume e cerca. Ai para esporte eu pesco na Bahia. Olha a época do peixe, dezembro a março a gente costuma pescar esses peixes, a pescadinha, salteira, cavala. A partir de abril começa a aparecer as Tanhotas, daí a gente já começa a pensar na tainha, aí até junho se pesca a tainha. Daí a partir de julho volta a pesca da cavala. Teme em novembro que dá muita corvina, outubro tem o bagre. A gente procura pescar muito o linguado, que tem um valor bem alto, a tainha também, mas tem em maior quantidade. O camarão as vezes a gente pesca o ano todo, em 2016 ninguém pescou nada de camarão, ficou dois anos bem dizer sem camarão. O normal da nossa pescaria de arrastão é 20kg, das 4 ao meio dia. Nessa época aí que falei para você a gente pegava dois quilos. Olha a natureza como nós, depende. Lá depende do camarão, se o camarão diminuir, os outros peixes também vão diminuir, o camarão é o alimento de quase todo peixe, tem peixe que não come camarão, mas aí come um peixe que depende do camarão. A base da cadeia alimentar para mim é o camarão. Nós homens também dependemos do camarão, se ele falha, todos perdemos. O que mais rende hoje é o camarão, mas quem tem barco maior com mais

condições aí tem como pegar peixes mais caros, como o linguado. Lá na minha praia não tem o peixe preferido, cada pescador gosta de quase todo peixe, o que todo mundo gosta, mas hoje está proibido é o cação, justamente pelo pessoal não respeitar as épocas. Prefeitura não interfere, o IBAMA apesar de tudo está fazendo o trabalho, está protegendo. Eles pagam para a gente não pescar. Os conflitos são os próprios pescadores, cada um quer crescer mais q o outro, perdeu-se o espírito de comunidade, não tem mais união. Cada um por si. Lá na barra não se decertou ninguém saiu, só no rio Saí Guaçu que não pode pescar, mas artesanal eles não ligam muito. Ai no mar não sei e você sabe nós temos milhas, malha de rede, altura de rede tudo para não danificar o mar. A comunidade não teve muitos conflitos com órgão. Relação com o mar, o mar para mim é tudo, me criei no mar depende dele. O alimento e as coisas que eu adquiri na vida vieram do mar. Aprendi minha profissão com meu irmão. Antigamente praticamente não tinha motores, era tudo a remo, artesanal mesmo, com canoa de madeira que hoje é proibido né. Uma saudade que eu tenho é da lagosta, antes na barra tinha. Mas sumiu por causa da rede, por causa de pesca de mais. O leão marinho também tinha lá na ilha. Um dos peixes que não tem mais ali também é o parambiju, o cação tinha na ilha também. Ano a ano vai diminuindo, anos atrás a gente não ia para o mar pegar tainha, porque tinha no nosso rio, mas a gente pegava só com tarrafa. As tartarugas na ilha também aparecem, de vez em quando, em dia mais calmo. O boto deu uma sumia, mas ele consome muita tainha, como diminuiu a tainha eles diminuíram também. Na Baía entra o homem, os pescadores têm culpa grande, por que eles pegam de mais de um peixe e influencia os outros. O PRONAFE cobra juros bem baixo também, eles te ajudam. A associação teve muita desunião, como lá tem a de moradores eles abriram mão da de pescadores. Antigamente a gente não tinha quase auxílio da tecnologia, nossa ajuda era a natureza, a lua, o pôr do sol. Naquele tempo não usava horas, a gente acertava por ponto no meio do mar. Hoje em dia lá na ilha ainda tem pescador que não quer fazer outra coisa, só a pesca. Para mim o mar é Deus, dele vem tudo.

RELATÓRIO DE VIVÊNCIAS 2018

No segundo semestre de 2018, comecei minhas atividades de vivências profissionais na comunidade da Barra do Saí, no município de Guaratuba. Após tentar em todas as secretarias da cidade e de matinhos alguma forma de participar dessas atividades não consegui que nenhum órgão aceitasse oferecer uma vaga de vivência, segundo os responsáveis era totalmente inviável pois não era bem um estágio e eles não possuíam nenhum documento que validasse minha participação, além disso recusaram-se a dar somente declarações que afirmassem que participei sem ter valor reconhecido.

Depois disso em uma conversa com o Engenheiro Florestal Noazir Ferraro, diretor da ONG IBISA, ele aceitou mediar minhas atividades na comunidade, todos os dados que coletei nela eu forneci ao senhor Ferraro, além disso meu TCC e anotações bibliográficas que usei foi tudo enviado para que ele pudesse ler e avaliar o que eu estava realizando no estudo.

Durante o período em que estive na comunidade realizei entrevistas com os pescadores, observei cada um deles em seu dia a dia, anotei cada termo diferente que eles denominavam certas coisas, realizei fotografias para usar futuramente, vivenciei cada dificuldade que eles enfrentam para continuarem com a pesca artesanal.

Cada dia que eu ia para a comunidade era um novo aprendizado, as entrevistas eram realizadas nas casas dos próprios pescadores para que fossem o mais informais possível, para que eles se sentissem a vontade de relatar aquilo que eles, passei algum tempo visitando outras comunidades de pescadores, como a do Caieiras e De Piçarras por exemplo, porém não realizei entrevistas, usei as saídas à campo apenas para objeto de comparação.

Em resumo, minha atividade de vivência em sua maioria foi realmente a vivência na comunidade da Barra do Saí, aprendendo e conhecendo sobre sua cultura caiçara para poder realizar esse estudo mais detalhadamente.

MEMORIAL DAS ICHs

2015

SEMESTRE 1

ICH AGROECOLOGIA NAS ESCOLAS-

O ICH visava implementar projetos que estivessem ligados a agroecologia em algumas escolas do município de Matinhos. A docente responsável nos deixou livres para escolher áreas temáticas e escolas em que queríamos trabalhar. No caso do meu grupo, escolhemos a escola municipal 4 de maio. Implementamos uma horta lúdica para os pequenos se conscientizarem brincando, pois fizemos a horta com pneus em formato de bichos para ficar o mais lúdico possível.

As atividades se deram metade em sala de aula e metade na área aberta da escola, durante uma vez na semana. Primeiramente fazíamos uma pequena palestra para mostrar mudas, cartazes e frutas para as crianças, logo após levamos as crianças para fora da sala e plantamos as frutas, cada criança ajudava plantar uma mudinha, de modo que todos participassem e vissem na atividade algo divertido para se fazer em casa. Alcançando assim o objetivo da ICH, que era conscientizar as crianças a cuidarem da natureza.



Figura 154-Palestra com crianças realizada na ICH. Fonte: Acervo pessoal



Figura 162-Plantio de frutíferas realizadas com as crianças durante a ICH. Fonte: Acervo pessoal

SEMESTRE 2

ICH DIAGNÓSTICO GUARATUBA

Realizada pelo professor Gilson Dahmer, a ich tinha o propósito discutir problemas do município de Guaratuba (como saúde, educação, infraestrutura e política), bem como

fazer com que os alunos interagissem entre si, também nos foi proposto relatórios sobre os encontros a ser entregue ao final do módulo com uma breve apresentação do que fizemos ao longo do semestre, bem como pontos positivos e negativos. A ich era tocada de forma agradável de forma que todos os encontros renderam discussões importantes.

2016

SEMESTRE 1

ICH DIAGNÓSTICO GUARATUBA

Basicamente foram realizadas discussões do mesmo teor, o foco da ich se manteve o mesmo.

SEMESTRE 2

ICH AEDES

A ich aedes foi um projeto do professor Luciano Huergo juntamente com o professor Rodrigo Reis, que consistia em realizar a conscientização sobre os riscos do Mosquito transmissor da dengue. Para isso apresentamos a proposta de realizar palestras e atividades lúdicas com crianças do ensino fundamental em algumas escolas do município de Guaratuba, porém a atividade foi realizada somente na escola municipal Adolpho Vercesi no bairro Brejatuba.

Nas atividades realizamos uma palestra em sala que visava a participação das crianças, para isso passamos um vídeo lúdico explicativo e depois realizávamos perguntas, no final toda a sala ganhava um crachá de agentes contra o aedes. Em seguida fazíamos uma caça aos focos do aedes, espalhamos objetos como tampas de garrafa e outros materiais que acumulam água para as crianças encontrarem e nos dizerem o porquê estavam recolhendo aquele objeto. No fim acredito que a ICH conseguiu alcançar o objetivo por completo.

2017

SEMESTRE 1

ICH GUARAICH

Desta vez a ich territorial de Guaratuba teve como responsável o professor André Borges, infelizmente não houveram pontos positivos nessa Ich. Os encontros não eram interessantes, as discussões eram pessoais e focadas na opinião de poucos alunos e principalmente do professor. Ich sem valor algum.

SEMESTRE 2

ICH SOCIEDADE E TECNOLOGIA

A ICH foi algo que não esperava que fosse tão produtiva como foi. Teve como responsável a professora Charlotte Mello, que trouxe a ideia de assistirmos e discutirmos sobre a série Black Mirror, que trazia várias discussões sobre o uso da tecnologia. A ich nos fez enxergar um mundo totalmente dominado e manipulado pela tecnologia, pensamos que isso fosse futuro, mas ao realizar as discussões vimos que a série traz coisas que já acontecem, mas de maneira mais fantasiosa, porém já acontecem. Ao final da Ich produzimos um artigo sobre a série, compilando alguns artigos lidos. O aproveitamento da ICH foi totalmente válido.

2018

SEMESTRE 1

ICH DESIGUALDADES E CONFLITOS SOCIAIS

A ICH comandada pelo professor Luís Thomassim travava de diversos veio de conflitos e desigualdades sociais em território nacional. Como proposta principal teríamos que nos dividir em grupos de diferentes temas e abordá-los em sala de aula em forma de palestra, porém tínhamos que trazer um convidado especialista no tema de cada grupo. No caso do meu grupo ficamos com desigualdades e conflitos dentro de comunidades tradicionais no litoral. Ao final do semestre apresentamos o resultado das palestras no FICH. ICH com conteúdo e discussões totalmente válidos.

SEMESTRE 2

ICH GUARATUICH

A ich ministrada pelo professor André Borges estava tomando o rumo sem sentido de outros semestres novamente, porém um convidado da turma, professor Guilherme Zavataro tomou frente da ICH e apresentou suas propostas, que mais tarde aderimos como propostas da ICH. A proposta da ICH foi nos organizarmos com uma turma de Técnico em Turismo (curso oferecido em Guaratuba), para realizarmos o plantio de mudas na área de encosta do Rio dos Paus e fazer a análise desse mesmo rio. Acredito que a ICH foi válida a partir do momento em que o professor Guilherme tomou frente da mesma.



Figura 173-Análise de água do rio feita pela ICH. Fonte: Acervo pessoal

MEMORIAL DO PA

Permaneci até o ano de 2016 sem qualquer tema ou ideia do que realizar como projeto de aprendizagem, achei que a forma em que tocaram as mediações de PA nos dois primeiros anos foi totalmente negativa, pois nos era passado cada sexta feira um professor falando de forma diferente o que era um projeto de aprendizagem. No ano seguinte eu já possuía uma ideia do que iria fazer, escolhi trabalhar com resíduos sólidos através da USINA ACAMARES em Guaratuba, porém não obtive sucesso tanto na usina quanto com a mediação que tinha escolhido. Sem mediador e sem tema no último mês do ano de 2017 conversei com o professor Antônio Serbena que aceitou me mediar, após isso escolhi um tema que realmente me interessava e consegui ter enfim mediações. Posso dizer com clareza que se não fosse o meu mediador eu não teria conseguido. A escolha de tema foi totalmente apoiada por ele; após isso comecei a basear meu projeto em cima do tema Comunidade Tradicional de Pescadores e consegui dar algum sentido ao meu projeto. Levando o tema do projeto de aprendizagem como tema final para o trabalho de conclusão de curso.